



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**DEPARTAMENTO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS**

**MARCOS VINÍCIUS RIBEIRO DE ARAÚJO**

**EXISTIRMOS: A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?**  
**MEDIAÇÕES SOBRE O SUICÍDIO NAS CAMPANHAS PÚBLICAS DO SETEMBRO**  
**AMARELO DE FORTALEZA**

**FORTALEZA**

**2023**

MARCOS VINÍCIUS RIBEIRO DE ARAÚJO

EXISTIRMOS: A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?  
MEDIAÇÕES SOBRE O SUICÍDIO NAS CAMPANHAS PÚBLICAS DO SETEMBRO  
AMARELO DE FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Avaliação de Políticas Públicas. Área de concentração: Departamento de estudos interdisciplinares.

Orientador: Profa. Dra. Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- A69e Araújo, Marcos Vinícius Ribeiro de.  
Existirmos: a que será que se destina? : Mediações sobre o suicídio nas campanhas públicas do Setembro Amarelo de Fortaleza / Marcos Vinícius Ribeiro de Araújo. – 2023.  
106 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas, Fortaleza, 2023.  
Orientação: Profa. Dra. Andrea Pinheiro Paiva cavalcante.
1. Suicídio. 2. Mediação. 3. Hegemonia. 4. Gramsci. 5. Torquato Neto. I. Título.

CDD 320.6

---

MARCOS VINÍCIUS RIBEIRO DE ARAÚJO

EXISTIRMOS: A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?  
MEDIAÇÕES SOBRE O SUICÍDIO NAS CAMPANHAS PÚBLICAS DO SETEMBRO  
AMARELO DE FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Avaliação de Políticas Públicas. Área de concentração: Departamento de estudos interdisciplinares.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante (orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. PhD Francisco Silva Cavalcante Junior  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Inês Silva Vitorino Sampaio  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Renata Rocha Barreto Giaxa  
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, **Teresinha Ribeiro** e **Antônio Luís**, pelo apoio e incentivo em todos os momentos da minha vida. Por acreditarem em mim e não medirem esforços para a concretização dos meus sonhos. Sem vocês, nada seria possível.

Aos meus amigos **Heloise Nery**, **Lia Wladia**, **Elizângela Maria**, **Bruna Menezes**, **Rodrigo Paz**, **Sarah Montezuma**, **Quemuel Campos**, **Michelly Sâmia** e **Alba Valéria**, que sempre se fizeram presentes na minha vida e estarão sempre em meu coração. Obrigado pelo companheirismo, apoio e amizade incondicional.

À minha orientadora, professora **Andrea Pinheiro**, pela oportunidade de realizar este trabalho. Obrigado pela confiança e por ter dado sentido aos encontros que possibilitaram construir esse trabalho. Agradeço por todos os ensinamentos compartilhados de forma admirável e por me guiar nos primeiros passos da pós-graduação. Muito obrigado por tudo!

Aos professores que aceitaram mergulhar neste texto, **Cavalcante Junior**, **Inês Vitorino** e **Renata Giaxa**, por toda a ajuda durante a realização deste trabalho. Suas contribuições foram essenciais para a concretização desta pesquisa. Muito obrigado!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas, em especial à professora **Alba Maria Pinho**, pelos ensinamentos que transcendem os limites da Universidade.

A **Jamille Braga**, amiga que conheci na pós-graduação, pelas escutas, trocas e apoio, fundamentais para seguir nesse curso.

Ao meu **companheiro**, que me ensinou que a educação é uma das linguagens do amor.

## RESUMO

Este é um estudo sobre a Política Pública de Prevenção ao Suicídio veiculada nas campanhas do Setembro Amarelo, promovidas pelo Programa Vidas preservadas, do Ministério Público do Ceará, nos anos de 2019, 2020 e 2021. A pesquisa analisou a recepção das campanhas por Jovens Comunicadores da Rede Cuca, no Ceará, utilizando-se da perspectiva experiencial pós-estruturalista do processo criativo em avaliação qualitativa, do enfoque teórico das mediações comunicacionais concebido por Jesus Martín-Barbero (1997) e da compreensão de hegemonia formulada por Antonio Gramsci, conforme as interpretações de Carlos Nelson Coutinho (2011). O trabalho é finalizado com contribuições do pesquisador para a produção de futuras campanhas do Setembro Amarelo, sob a estética tropicalista do piauiense Torquato Neto, com a atualização de conteúdos sobre o fenômeno do suicídio e as suas implicações para as ações de Comunicação da Política Pública de Prevenção ao Suicídio: Depressão, Desamparo Desespero e Desesperança.

**Palavras-chave:** suicídio; Plano Municipal; hegemonia; Gramsci; jovens comunicadores; mediação; Torquato Neto.

## ABSTRACT

This is a study on the Suicide Prevention Public Policy carried out in the Yellow September campaigns, promoted by the Preserved Lives Program of the Public Ministry of Ceará, in the years 2019, 2020 and 2021. The research analyzed the reception of the campaigns by Young Communicators of Rede Cuca, in Ceará, using the post-structuralist experiential perspective of the creative process in qualitative evaluation, based on the theoretical approach of communicational mediations conceived by Jesus Martín-Barbero (1997) and the understanding of hegemony formulated by Antonio Gramsci, according to the interpretations by Carlos Nelson Coutinho (2011). The work concludes with the researcher's contributions to the production of future Yellow September campaigns, under the tropicalist aesthetics of Torquato Neto, from Piauí, with the updating of contents on the phenomenon of suicide and its implications for Communication actions of the Public Policy of Suicide Prevention: Depression, Helplessness Despair, Hopelessness.

**Keywords:** suicide; Municipal Plan; hegemony; Gramsci; young communicators; mediation; Torquato Neto.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Entrevista.....	11
Figura 2 –	Ação 18 de Maio.....	11
Figura 3 –	Evento Institucional .....	12
Figura 4 –	Campanha 18 de maio.....	13
Figura 5 –	Pessoal Intransferível .....	14
Figura 6 –	Torquato Neto .....	14
Figura 7 –	Anjo Torto.....	15
Figura 8 –	Torquato e Dona Salomé.....	17
Figura 9 –	Grupo de Trabalho do Plano Municipal de Prevenção do Suicídio de Fortaleza .....	35
Figura 10 –	Cuca José Walter.....	55
Figura 11 –	Reunião Jovens Comunicadores.....	55
Figura 12 –	Árvore Inspiração.....	60
Figura 13 –	Campanha 2019: Recados Amarelos.....	63
Figura 14 –	Campanha 2020.....	63
Figura 15 –	Campanha 2021.....	64
Figura 16 –	Balões com respostas dos entrevistados: sequência 1.....	71
Figura 17 –	Balões com respostas dos entrevistados: sequência 2.....	72
Figura 18 –	Balões com respostas dos entrevistados: sequência 3.....	74
Figura 19 –	Exposição Carolina de Jesus.....	75
Figura 20 –	Balões com respostas dos entrevistados: sequência 4.....	76
Figura 21 –	Balões com respostas dos entrevistados: sequência 5.....	77
Figura 22 –	Balões com respostas dos entrevistados: sequência 6.....	78
Figura 23 –	Balões com respostas dos entrevistados: sequência 7.....	79
Figura 24 –	Balões com respostas dos entrevistados: sequência 8.....	80
Figura 25 –	Balões com respostas dos entrevistados: sequência 9.....	81
Figura 26 –	Balões com respostas dos entrevistados: sequência 10.....	81
Figura 27 –	Balões com respostas dos entrevistados: sequência 11.....	82
Figura 28 –	Balões com respostas dos entrevistados: sequência 12.....	83
Figura 29 –	Balões com respostas dos entrevistados: sequência 13.....	84
Figura 30 –	Balões com respostas dos entrevistados: sequência 14.....	84



Figura 31 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 15.....	85
Figura 32 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 16.....	86
Figura 33 – Sugestões para campanhas Setembro Amarelo.....	87
Figura 34 – Campanha Acolha a Vida.....	90
Figura 35 – Cartaz da Cedeca.....	92

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Identidade de Gênero.....	65
Gráfico 2 –	Cor e/ou Raça/Etnia.....	66
Gráfico 3 –	Bairro onde reside.....	66
Gráfico 4 –	Idade.....	66
Gráfico 5 –	Escolaridade.....	67
Gráfico 6 –	Mercado de Trabalho.....	67
Gráfico 7 –	Renda Familiar.....	68

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PESSOAL, INTRANSFERÍVEL.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1</b>	<b>... apenas a matéria vida era tão fina... ..</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>LOUVAÇÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>3</b>	<b>TRAJETÓRIA DA POLÍTICA.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1</b>	<b>Setembro Amarelo.....</b>	<b>35</b>
<b>4</b>	<b>GELEIA GERAL.....</b>	<b>39</b>
<b>4.1</b>	<b>Programa Vidas Preservadas.....</b>	<b>39</b>
<b>4.2</b>	<b>Plano Municipal de Prevenção e Posvenção do Suicídio de Fortaleza.....</b>	<b>42</b>
<b>4.3</b>	<b>Mediação.....</b>	<b>44</b>
<b>4.3.1</b>	<b><i>Hegemonia nos meios às mediações.....</i></b>	<b>44</b>
<b>4.3.2</b>	<b><i>Cultura de convergência.....</i></b>	<b>46</b>
<b>4.3.3</b>	<b><i>O sofrimento psíquico no contexto neoliberal.....</i></b>	<b>47</b>
<b>4.3.4</b>	<b><i>Rede Cuca e o olhar para a juventude.....</i></b>	<b>50</b>
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>56</b>
<b>5.1</b>	<b>Avaliação e experiência.....</b>	<b>57</b>
<b>5.2</b>	<b>Questionários.....</b>	<b>60</b>
<b>5.3</b>	<b>Entrevista reflexiva.....</b>	<b>60</b>
<b>5.4</b>	<b>O que dizem os jovens comunicadores da Rede Cuca.....</b>	<b>64</b>
<b>6</b>	<b>PODE SER NO CEARÁ OU EM QUALQUER LUGAR.....</b>	<b>70</b>
<b>7</b>	<b>BAT MACUMBA.....</b>	<b>89</b>
<b>8</b>	<b>EXISTIRMOS, A QUE SE DESTINA.....</b>	<b>93</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>98</b>
	<b>ANEXO A – CAMPANHA SETEMBRO AMARELO 2020.....</b>	<b>102</b>
	<b>ANEXO B – ATORES ESTRATÉGICOS.....</b>	<b>104</b>
	<b>ANEXO C – MATRIZ DO PLANO OPERACIONAL – EIXO 2.....</b>	<b>106</b>
	<b>ANEXO D – MUNICÍPIOS QUE ELABORARAM SEUS PLANOS MUNICIPAIS DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO.....</b>	<b>107</b>

## 1 PESSOAL, INTRANSMISSÍVEL

Figura 1 – Entrevista



Fonte: TV Terra do Sol.

Abri este espaço como uma espécie de localizador de mim mesmo. A construção da dissertação que agora chega aos leitores e às leitoras, foi perpassada, desde seu início, por momentos altos e momentos baixos de minha inserção na “turma pandêmica do PPGAPP – UFC”, iniciada de modo presencial em agosto de 2019 e levada ao ambiente remoto das aulas virtuais durante todo o ano de 2020 e os tempos mais difíceis da pandemia de covid-19 que antecederam a chegada da sua vacina no Brasil.

Foi neste contexto de sobrevivência e de 700 mil mortos pelo novo coronavírus, que escrevi uma dissertação sobre o suicídio. O relato a seguir, talvez seja o mais encarnado e o mais sentido durante este processo criativo, que legitima o objeto de estudo da pesquisa.

Em 2 de abril de 2019, iniciei o meu trabalho de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, no Programa Rede Aquarela, da Prefeitura Municipal de Fortaleza.

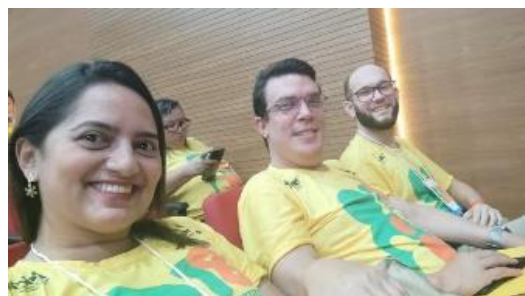
Figura 2 – Ação 18 de Maio



Fonte: Arquivo pessoal.

Dos muitos desafios vividos em minha profissão, esse talvez tenha me exigido tocar em camadas da sensibilidade humana, que talvez nem ousasse conhecer. A confiança, o olhar humano, a responsabilidade com o outro, o estar junto, tudo isso aliado ao prazer da entrega por mim oferecida, que iam dos sentimentos evocados da leitura de um boletim de ocorrência relatando o caso à compra de muitos brinquedos e de outros recursos lúdicos que tornariam o meu atendimento mais profissional, acolhedor e humano para aquela população.

Figura 3 – Evento institucional



Fonte: Arquivo pessoal.

O Programa Rede Aquarela foi um dos equipamentos que se comprometeu a prevenir o suicídio no município de Fortaleza, sendo um dos signatários do Plano Municipal de Prevenção ao Suicídio, objeto de estudo nessa dissertação. Recordo da emoção trazida quando havia os grupos de trabalho para elaboração do referido plano, geralmente representados pela coordenação do Programa Rede Aquarela, e com ele esperancei um horizonte de novas possibilidades para a Prevenção do Suicídio de crianças e de adolescentes no Ceará.

O compromisso firmado garantiria o atendimento às crianças e aos adolescentes com ideação suicida e o apoio na construção das campanhas de prevenção, bem como a ampliação da equipe de profissionais no atendimento desses usuários. Vi a estratégia pactuada voar como uma sacola de plástico abandonada num vendaval e, longe do que eu esperava e do conhecimento para o qual me capacitei como psicólogo, a ordem recebida foi de encaminhar tais casos para outros equipamentos de atendimento, em sua maioria clínicas-escola de faculdades de Psicologia, sob o argumento de que a “ideação suicida não havia vinculação com a violência sexual”. Compreenda, meu caro leitor e minha cara leitora, eu não estou desacreditando as clínicas-escola nas quais também me formei e foram indispensáveis para a minha aprendizagem profissional, mas tenho a convicção de que elas representam um espaço de formação do estudante de Psicologia e que a ideação suicida é um dos fenômenos mais complexos da clínica psicológica, demandando para o seu atendimento, a existência de

profissionais experientes, além de que, o fluxo Estado-clínica-escola não me parece ser acertado para o fortalecimento de uma política pública ainda tão recente e tão ineficaz em nosso país.

Naquele contexto do meu novo trabalho não existiam argumentos, textos científicos ou debate que refutassem algo tão delicado no tratamento da dor humana e *enquanto os homens exercem seus podres poderes*, elencavam-se outras inúmeras violências para um público que já trazia consigo outras tantas vulnerabilidades existenciais.

Figura 4 – Campanha 18 de Maio



Fonte: Arquivo Pessoal

Das mortes em vida que serão recorrentemente apresentadas ao longo deste texto, ser transferido do programa em questão, de maneira ardilosa e sorrateira, em novembro de 2022, foi uma experiência de perda de sentido profissional, de revolta, de raiva, que fez brotar em mim o sentimento de incapacidade diante de um sistema que orquestrou contra mim e os meus colegas que ousaram contestá-lo. É impossível não lembrar de Antonio Gramsci (2011), durante o meu último mês de trabalho naquele programa social, assistindo à instrumentalização das ações para que a política partidária seguisse o seu ritmo incólume, mostrando-se superior a uma Política Pública e indiferente ao sofrimento dos seus usuários tão necessitados de atenção psicológica. Felizmente, tudo isso, com todas as marcas de 2019 a 2022, não conseguiu minar a minha vontade de fazer, de criar e de recriar com a finura que é a matéria vida. Quero levar o meu ofício, a minha dança, a minha alma por onde eu for. Um Eu não consegue dar conta de todos os Eus que existem em mim, “Pessoal intrasferível”:



(O ator Paulo José recita as palavras de Torquato Neto)

Figura 5 – Pessoal intransferível

**GELÉIA GERAL** ————— **TORQUATO NETO**

**Pessoal intransferível**



Escute, meu chapa: um poeta não se faz com versos. É o risco, é estar sempre a perigo sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, é destruir a linguagem e explodir com ela. Nada no bolso e nas mãos. Sabendo: perigoso, divino, maravilhoso.

Poetar é simples, como dois e dois são quatro sei que a vida vale a pena etc. Difícil é não correr com os versos debaixo do braço. Difícil é não cortar o cabelo quando a barra pesa. Difícil, pra quem não é poeta, é não trair a sua poesia, que, pensando bem, não é nada, se você está sempre pronto a temer tudo; menos o ridículo de declamar versinhos sorridentes. E sair por aí, ainda por cima sorridente mestre de cerimônias, "herdeiro" da poesia dos que levaram a coisa até o fim e continuam levando, graças a Deus.

E fique sabendo: quem não se arrisca não pode berrar. Citação: leve um homem e um boi ao mata-douro. O que berrar mais na hora do perigo é o homem, nem que seja o boi. Adeusão.

**Ilustração: Godard. Poeta. Nunca teve medo de quebrar a cara. Quebrou?**

Fonte: Site UOL.

### 1.1 ... apenas a matéria vida era tão fina...

Figura 6 – Torquato Neto



Fonte: Google Imagens.

A música **Cajuína**, escrita por Caetano Veloso, após um encontro com o pai de seu amigo Torquato Neto, logo após o poeta cometer suicídio, apresenta nos seus versos a expressão, ... *apenas a matéria vida era tão fina...*, a qual nos leva a questionar: O que faz a matéria vida ser tão fina? Como podemos fortalecer essa matéria? Obviamente, não trabalho o conceito de vida em sua forma abstrata, mas a compreendo sobre sustentáculos, ou seja, sobre os modos de amparo necessários para que a vida continue a existir.

Figura 7 – Anjo Torto



Fonte: Arquivo pessoal.

Nascido em Teresina, no Piauí, em 09 de novembro de 1944, o poeta Torquato Neto foi o escolhido para iluminar o caminho desta pesquisa com sua poesia, música e ensaios que serão apresentados ao longo desta dissertação, como meio de produzir afetamentos que também estão encarnados em mim, igualmente piauiense.

Filho único do procurador Dr. Heli da Rocha Nunes e da professora primária, Dona Maria Salomé da Cunha Araújo, Torquato iniciou os estudos no Colégio das Irmãs em Teresina,



onde seu bom desempenho o levou para o rigoroso Ginásio |Leão XVIII. No curso ginásial, Cavalcante (2022, p. 38) narra que

de estudante exemplar começou a assumir o terceiro lugar na sua turma. Sentava-se do lado esquerdo da sala, próximo às janelas, de onde avistava o Theatro 4 de Setembro na Praça Pedro II e o cinema Rex. As notas vermelhas em Matemática começaram a ocupar o seu boletim. O seu interesse se voltou inteiramente para a língua portuguesa e a Língua Inglesa. Atendendo ao pedido de Torquato na pré-adolescência, o pai concordou em custear aulas particulares com um professor de inglês para acelerar a aprendizagem do idioma estrangeiro. Naquela fase de sua vida, começaram também os enfrentamentos às autoridades do colégio e também as traquinagens, das quais se registrou seu esconderijo na laje da caixa d'água do colégio. Do alto do prédio, ele conseguia ter uma visão privilegiada de todo o centro de Teresina, que em seus poemas revelou-se a *tristeresina*.



**(Concerto Tropicália Torquato Neto - Todos cantam sua terra, também vou cantar a minha - Orquestra sinfônica de Teresina)**

**Todos cantam sua terra, também vou cantar a minha (Torquato Neto)**

sou um homem desesperado andando à margem do rio Parnaíba  
sou um homem com Glauber Rocha na cabeça e uma câmara na mão  
andando fico à margem de minha terra:  
TRISTERESINA.  
terra nos olhos da lente.  
só filmo planos gerais.  
planos.  
o meduna.  
ando pelas ruas mas tudo de repente é novo para mim:  
a vermelha. a grama. o meu caso de amor. a estação da estrada de  
ferro teresina-são luís um dia de manhã.  
minha terra tem palmeiras de babaçu onde canta o buriti.  
e a melhor água do mundo.  
e um poço.  
e um menino.  
como posso agora cantar minha terra;  
estando tão longe-perto dela.  
como posso eu e essa miséria louca  
descobrir destruir as ruínas do lar  
citação: Não teremos destruído nada se não destruímos as ruínas

Ainda na sua adolescência, Torquato deixou Teresina para estudar em Salvador, na Bahia, no início dos anos de 1960, onde estudou no internato da congregação dos Irmãos Maristas, onde estudava Gilberto Gil, numa turma mais adiantada. Na Bahia, recebia uma mesada de seu pai e uma cesta de mantimentos de Dona Salomé, mensalmente. Torquato vivia

desenhando e enchendo os cadernos de poesia e impregnando-se pela produção cultural de Salvador.

Em busca de ingressar na grande imprensa e cursar jornalismo, Torquato escreve uma carta aos pais pedindo permissão para mudar para o Rio de Janeiro. Lá, cursou Jornalismo na Universidade do Brasil, embora tenha abandonado o curso algum tempo depois. Nesta mesma cidade, faleceu em 10/11/1972, no dia seguinte ao seu aniversário de 28 anos, após cometer suicídio:

“Para dona Salomé Nunes, o Rio de Janeiro matou o filho. Por pensar assim, jurou nunca mais pisar os pés naquela cidade, mesmo morando ali o seu neto amado Tiago, filho único de Torquato Neto. Ela faleceu (a 10 de março de 1993) tendo cumprido a jura que fez” (KRUEL, 2022, p. 110).

Foto 8 – Torquato e Dona Salomé



Fonte: Correio Braziliense

#### **Definição (Torquato Neto)**

Teresina  
 Ausência  
 De uma presença...  
 Da mesma ausência...  
 Só memória na memória  
 Sempre viva.  
 Só saudade...dó distância...  
 Só vontade.

...e um ardor medonho no peito  
(Rio, 23 de agosto de 1962)

Quando em 1965 escreveu com Gilberto Gil a canção “Louvação”, demarcou o seu ingresso no movimento da Tropicália, juntamente com outros artistas, como Gilberto Gil, Tom Zé, Caetano Veloso e Gal Costa. Naquele momento não somente lançaram um conceito de inovação estética nas composições artísticas brasileiras, que incluíam uma visão crítica sobre pobreza e a exploração social, mas, também, almejaram atingir as esferas da macrosociedade, os seus aspectos comportamentais e sociais, que modelavam os corpos por meio dos hábitos e dos costumes da época. Torquato dizia:

[...] A tropicália é o que for preciso. Alguém o fará, o assobio não me interessa; a canção que o povo canta, é pouca e frouxa e não importa: a mãe da virgem diz que não, e não. [...] Na geleia geral brasileira, a repressão é um fenômeno muito mais amplo do que geralmente se vê. Na música popular brasileira (1968), a repressão é absolutamente evidente: ninguém, a bem da verdade, esconde o seu jogo. Estamos todos ao redor da mesa, a mesma mesa, e somos vistos. pois é: é preciso virar a mesa (Hélio Oiticica). [...] escolho a tropicália porque não é liberal mas porque é libertina, a antifórmula superabrangente: o tropicalismo está morto, viva a tropicália. Todas as propostas serão aceitas, menos as conformistas, (seja marginal), todos os papos, menos os repressivos (seja herói). E a voz de ouro do Brasil canta para você (TORQUATO NETO *apud* DUARTE; SALOMÃO, 1982).

Torquato ficou conhecido como o anjo torto pois, muito cedo, desenvolveu uma escoliose que deixava seu corpo curvado, como ele mesmo se apresenta neste poema:

**Let's play that**  
Quando eu nasci  
um anjo louco muito louco  
veio ler a minha mão  
não era um anjo barroco  
era um anjo muito louco, torto  
com asas de avião  
eis que esse anjo me disse  
apertando a minha mão  
com um sorriso entre dentes  
vai bicho desafinar  
o coro dos contentes  
vai bicho desafinar  
o coro dos contentes  
let's play that

As obras do poeta revelavam a sua busca por algo maior, o desconhecido, algo que precisava ser aprendido, mas nem ele mesmo sabia o que estava buscando. Viveu inquieto. Durante um período de seguidas tentativas e internações, Torquato fez anotações no seu diário, onde, talvez, tenha encontrado o único espaço para registrar o seu desejo de morte, em um

cenário inexistente de políticas públicas para a Prevenção do Suicídio, como lemos neste registro:

[...] tudo continua. continua parado no centro de minhas especulações, e não sei dizer se já consegui me desfazer de qualquer uma delas. estou morrendo, mais uma vez eu morro soterrado em minhas perplexidades – não sei para o quê estou – e deixo andar. é preciso que eu adquira condições que me permitam sobreviver. o que é sobreviver? tenho conseguido sobreviver até aqui, mas... o que vivo, o que consigo escrever, o que posso ir sendo são meus bens. Não disponho de outros. o que não sou me mata: assim, assado, sempre: tudo continua como sempre, o mesmo esquema para o fim, a mesma vida de cocô melado, a mesma merda. Só deus pode me salvar, mas eu não conheço deus nem sei onde procurá-lo. disse que estou morrendo – uma vez mais – vivo só pra isso! (TORQUATO NETO *apud* PIRES, 2004a, p. 328).

## 2 LOUVAÇÃO<sup>1</sup>

O plano de ação da Organização Mundial de Saúde (OMS) estabeleceu metas, entre seus eixos, para a redução das taxas de suicídio, a nível global, entre os anos de 2013-2020. O Brasil, como signatário, adotou medidas datadas de 1998, quando garantiu a cobertura de atendimento à violência autoprovocada e às tentativas de suicídio. Um crescente aumento de casos de suicídio na sociedade brasileira tem produzido um quadro alarmante no país: os dados apresentam a preocupante realidade de 11 mil pessoas que se matam por ano no Brasil, uma pessoa a cada 48 minutos, totalizando 30 pessoas por dia (VILARDAGA, CAVICCHIOLI, 2018; ESTARQUE, 2018).

Segundo o levantamento de 2021 do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), do DATASUS, a plataforma do Ministério da Saúde, no estado do Ceará ocorreram 686 óbitos por suicídio e o maior número de casos notificados por lesão autoprovocada no Sinan (4.937). O município de Barbalha apresentou a maior taxa de incidência (34,5 casos por 10.000\* habitantes), seguido de Guaramiranga (23,7 por 10.000 habitantes). No segundo parâmetro de análise (taxa de incidência entre 8,7 a 17,3), destacam-se os municípios de Sobral (16,8 por 10.000\* habitantes), Cariús (16,0 por 10.000 habitantes) e Santa Quitéria (14,6 por 10.000 habitantes). Estes números são preocupantes, o que faz do suicídio um importante caso de Saúde Pública: “Apesar de o suicídio envolver questões socioculturais, genéticas, psicodinâmicas, filosófico-existenciais e ambientais, na quase totalidade dos suicídios, uma tipologia de transtorno mental encontra-se presente” (BOTEGA, 2007, p. 7). Por outro lado, novas publicações (MARQUETTI, 2018) chamam a atenção para os aspectos biopolíticos do suicídio em contraposição à compreensão advinda das psicopatologias psiquiátricas que predominam nas justificativas deste fenômeno de causas complexas.

Souza *et al.* (2017) entendem que é fundamental o conhecimento sobre os dados de ideação, tentativas de suicídio e de suicídios consumados, a fim de que se possa reconhecer os riscos e traçar os planos de intervenção, fazer a identificação dos transtornos mentais desde a infância em uma perspectiva de redução de danos e fomentar o incentivo às pesquisas que contemplem diferentes fatores que interferem na saúde mental, como os de natureza regionais e/ou culturais. O suicídio é composto por uma gama de variáveis, tais como a faixa etária, a

---

<sup>1</sup> Música de Gilberto Gil e Torquato Neto, inserida em um álbum cujas canções autorais retratavam questões sociais, da política, do carnaval e da garantia de direitos, escolhida para o título deste tópico com o sentido de anunciação.

escolaridade, o sexo, a etnografia, a presença ou a ausência de transtornos mentais, os quais precisam ser levados em consideração quando do desenho das estratégias de prevenção.

A constatação de uma natureza biopolítica do suicídio reforça a importância de um programa governamental entre os entes federativos, inexistentes no Brasil até 2005, ano marcado pelo início do desenho da primeira Política Nacional de Prevenção ao suicídio, tendo a sua lei sido sancionada somente no ano de 2019. As portarias desenharam os rumos da Política Pública de Saúde Mental até um passado recente, merecendo destaques, a formulação da Agenda de Ações Estratégicas para a Vigilância e Prevenção do Suicídio e promoção da Saúde no Brasil (2017-2020) e a Lei 13.819, de 26/04/2019, que instituiu a Política Nacional de Prevenção ao Suicídio, sendo o Ministério da Mulher, Família e Direitos humanos, através da Secretaria Nacional da Família, o mediador das ações da política.

No Ceará, o Ministério Público pode ser considerado o órgão público responsável por coordenar as mobilizações que resultaram na redação das políticas municipais, quando, em 2018, criou o projeto Vidas Preservadas, cujo objetivo consistiu em promover, com o apoio das entidades parceiras, em geral as prefeituras municipais, uma abordagem intersetorial da temática, de modo a fomentar o debate, a sensibilização e o fortalecimento de políticas públicas para a promoção da saúde das populações cearenses.

Essa mobilização deu-se por meio da criação dos eixos das capacitações, de promoção de campanhas, realização de seminários, buscando o reconhecimento dos municípios cearenses que desejassem aderir ao projeto (posteriormente transformado em programa social), através da portaria 061/2019. No município de Fortaleza, o projeto foi iniciado com a formação de um grupo de trabalho constituído por secretarias municipais, Universidades, Organizações Não Governamentais, entidades civis, dentre outros, cujo engajamento resultou na formulação do Plano Municipal de Prevenção e Posvenção do Suicídio 2019-2020.

Intenciono, no transcurso desta dissertação, produzir texturas que dialoguem com a verticalização dos conteúdos científicos, como os que foram apresentados até agora neste capítulo, buscando a intertextualidade com os outros modos de escrita, como a poesia de Torquato, lançando olhares e modos de avaliar a política pública que é objeto deste estudo. Citó e Cavalcante (2020, p. 136), com trabalho inovador desenvolvido no campo de avaliação das políticas públicas, revelam-nos as possibilidades da criatividade na inter-relação arte-ciência-filosofia, para a construção do pensamento crítico e estético.

Para rememorar o meu caminho profissional no cenário da saúde mental, iniciado com a formação em Psicologia em 2009, com graduação em Teresina. Desde o meu primeiro trabalho como psicólogo estive atuante no campo das políticas públicas e no atendimento

clínico psicológico. As experiências acumuladas nos 14 anos de profissão, possibilitaram-me perceber a evolução quantitativa das ações de Prevenção do Suicídio no Brasil, em sua maioria com ênfase na modalidade educativa. Por outro lado, é preocupante a fragilidade técnica enfrentada por profissionais de políticas setoriais ocasionada por inexperiência profissional, falta de formação adequada para o manejo do suicídio ou, por desconhecimento do assunto, ainda pouco abordado nos cursos de graduação que formam profissionais que atuam nas políticas intersetoriais.

Além do cotidiano profissional, tenho me dedicado ao estudo do suicídio, desde o viés social concebido por Émile Durkheim (2013 [1897]) e a compreensão dos rearranjos do campo social até a sistematização do manejo de Prevenção do Suicídio desenhada por Botega (2014). Esta minha experiência se ampliou como voluntário e vice-coordenador da CARMENS (Comunidade de Ações para Redesenho dos Modos de Existência e Prevenção do Suicídio), desde a sua fundação em maio de 2019, e a criação de uma estratégia de campanha de cunho sócio-político para o Setembro Amarelo de 2020 (ANEXO A), na rede social *Instagram*. Atualmente estou profissionalmente inserido em um equipamento público municipal, considerado um agente relevante para a disseminação desta política.

As ações profissionais reunidas, até este momento da minha vida, revelam o meu compromisso ético e político com a Prevenção do Suicídio. Para além da perspectiva do psicólogo, diariamente escapamos da morte, de alguma maneira, como fato real ou através do seu simbolismo do “não-viver”.

Diante da complexidade que é a compreensão do fenômeno do suicídio, precisei recorrer aos meus atravessamentos cotidianos e à minha relação com o mundo, a sua poesia, a sua música, a sua literatura, conteúdos indispensáveis para mediação da questão central que é título desta dissertação: “Existirmos: a que será que se destina?”.

Primeiramente, desejo trazer-me corporalmente neste texto dissertativo, no intuito de mostrar que é impossível assumir o lugar de neutralidade nesta pesquisa sobre o “não-viver”. Breton (2003, p.151) afirma, em seus estudos sobre antropologia do corpo, que “toda sociedade implica a ritualização das atividades corporais. A todo instante o sujeito simboliza por meio do seu corpo a tonalidade de sua relação com o mundo”. O “não-viver” se encarnou em mim, seja por não ter feito da dança uma realização pessoal, seja pelo preconceito alheio de ser quem se é, ou, principalmente, por viver em uma cidade que me tolheu a criatividade, a mesma da qual partiu o poeta Torquato, para nunca mais voltar.

E assim, vamos ensaiando a morte em busca de âncoras de vida. Cada um tem o seu modo de amparo para continuar existindo, mesmo quando não sabemos a que se destina.

Não à toa, nos últimos três anos, fiz formação profissional em Logoterapia e Análise Existencial, abordagem psicológica criada por Viktor Frankl, cujo objetivo consiste em buscar os sentidos da existência.

### **Ressuscito na cidade suicida<sup>2</sup>**

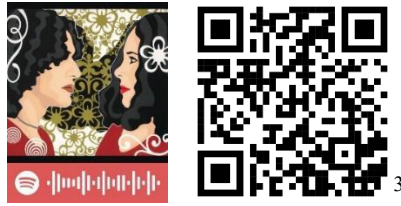
Este livro é sobre a morte; este primeiro ato, sobre o suicídio. Não sobre o suicídio individualmente considerado. É sobre uma sociedade suicida. Exponho Teresina como uma cidade suicida, uma cidade que se sabota, que constrói coisas belas para então destruí-las, que trata mal os próprios filhos, que os expulsa, que os mata, que vive de seus heróis mortos, que insiste em não reconhecer os vivos, que não incentiva quem produz, que não incentiva quem inova e, por isso, dificulta o surgimento do novo. Refiro-me à cidade que destrói seu patrimônio histórico material e imaterial. À cidade que derruba suas construções antigas e árvores para dar lugar a estacionamentos e asfalto. À cidade que não se orgulha dos rios que tem e derrama sobre eles o esgoto que produz. À cidade que se esquece e é esquecida. À cidade que não conhece seus escritores, seus músicos, atores, pintores, fotógrafos, cineastas, artistas. À cidade que não consome sua arte. Refiro-me à cidade do Nordeste que é capital e está localizada no interior. À cidade grande que não consegue deixar seu provincianismo. Refiro-me à sociedade conservadora e não inclusiva. À cidade onde as pessoas se policiam e se segregam. Refiro-me à cidade de economia frágil. À cidade de poucas opções. À cidade cujo transporte público imobiliza sua população sob o sol e suor do B-R-O-BRÓ. À sociedade padronizada e estanque, quase que também imobilizada no comportamento e pensamento tacanhos. À sociedade que desprestigia a sua cultura. Refiro-me à cidade que concentra a renda num pequeno grupo. Refiro-me à cidade que dá prestígio àqueles que conseguem abandoná-la para produzirem em outros Estados. Refiro-me à cidade que aborta os seus empreendedores, que não lhes dá espaço, que aborta os que desejam produzir (conhecimento, tecnologia, arte). Refiro-me à admiração dos teresinenses por muito do que vem de fora e à indiferença por quase tudo o que é produzido aqui. Este livro também é sobre os altos índices de suicídio em Teresina. Refiro-me à sociedade que convive com suicídios frequentes. À minha geração, que convive com o suicídio desde a adolescência. Refiro-me aos amigos e conhecidos que se suicidaram (a conta já supera a quantidade de dedos das mãos). Suicídio é o abandono da cidade. Suicídio é o abandono do próprio corpo por vontade própria. Proponho o movimento contrário: ressuscitar. Ressuscitar é ocupar novamente o próprio corpo por vontade própria. Proponho a ocupação de Teresina. Proponho a ocupação de nós mesmos. Proponho a ocupação dos espaços físicos, econômicos, sociais e culturais abandonados. Proponho a ocupação dos indivíduos abandonados. Com arte. Ressuscito na cidade suicida (NUNES, 2020, pp. 21-22).

As âncoras de vida, aquelas que não nos permitem sucumbir à existência, às vezes nos fazem pagar um preço muito alto, mas que são fundamentais para continuarmos existindo. Quando eu tinha 24 anos e recém-formado, o filho caçula da Dona Teresinha e do Seu Antônio, resolvi me mudar para o Ceará, a terra que fazia parte do meu imaginário de encantamento desde os meus 16 anos. Aqui acreditei ser o lugar do não-morrer. Só que algumas dores parecem nunca terem fim:

---

<sup>2</sup> NUNES, Alex Sampaio. **Ressuscito na cidade suicida**. 2. ed. p. 21-22. Teresina/PI: Desenredos, 2020.





#### Mamãe coragem<sup>4</sup>

Mamãe, mamãe não chore  
A vida é assim mesmo eu fui embora

Mamãe, mamãe não chore  
Eu nunca mais vou voltar por aí

Mamãe, mamãe não chore  
A vida é assim mesmo eu quero mesmo é isto aqui

Mamãe, mamãe não chore  
Pegue uns panos pra lavar, leia um romance  
Veja as contas do mercado, pague as prestações  
Ser mãe é desdobrar fibra por fibra os corações dos filhos  
Seja feliz, seja feliz

Mamãe, mamãe não chore  
Eu quero, eu posso, eu quis, eu fiz, Mamãe, seja feliz

Mamãe, mamãe não chore  
Não chore nunca mais, não adianta eu tenho um beijo preso na garganta  
Eu tenho um jeito de quem não se espanta (Braço de ouro vale 10 milhões)  
Eu tenho corações fora do peito

Mamãe, não chore, não tem jeito  
Pegue uns panos pra lavar leia um romance  
Leia “Elzira, a morta virgem”, “O Grande Industrial”  
Eu por aqui vou indo muito bem, de vez em quando brinco Carnaval  
E vou vivendo assim: felicidade na cidade que eu plantei pra mim  
E que não tem mais fim, não tem mais fim, não tem mais fim

Esta dissertação quer compreender a recepção das campanhas do “Setembro Amarelo”, veiculadas na cidade Fortaleza e mediadas pelas redes sociais. Através das categorias centrais de “políticas públicas”, “suicídio”, “juventude”, , “neoliberalismo” e “mediação”, vou criando mecanismos de aproximação comunicacional sobre este fenômeno complexo e recorro às contribuições de Jesús Martín-Barbero (1997) e Henry Jenkins (2008), que são estudiosos da relação entre comunicação e cultura, além de buscar amparo na compreensão do que é hegemonia para o filósofo marxista Antonio Gramsci (2020; COUTINHO, 2011; COUTINHO, FILHO, PAIVA, 2008; BARBERO, 1997).

<sup>3</sup> Os QR-CODES conectam à música ‘Mamãe, Coragem’, de Torquato Neto (1944-1972), poeta teresinense, musicada por Caetano Veloso, no Spotify e YouTube, respectivamente.

<sup>4</sup> PORTELLA, Cláudio. **Melhores Poemas Torquato Neto**. São Paulo: Global, 2018.

Localizo o desenho desta pesquisa no modelo de avaliação pós-estruturalistas de políticas públicas, especialmente com as contribuições de Raul Lejano (2012). Apresento a Entrevista Reflexiva (SZYMANSKI, 2018) como método de investigação sobre a experiência em sua aplicação à recepção de campanhas publicitárias destinadas à conscientização sobre o suicídio, durante o Setembro Amarelo. Concluo com análises preliminares do comportamento da Política Nacional de Prevenção e Posvenção do Suicídio, desde a sua recente implantação em 2019.

A escolha pelas redes sociais como mediadoras deu-se pela compreensão de Cogo e Brignol (2010, p. 4), de que “estamos diante de novas maneiras de estarmos juntos, em vinculações que não provêm de um território fixo ou de um consenso racional e duradouro, mas de identidades plurais, nutridas em vários repertórios”.

Compreender a produção hegemônica de conhecimento para a comunicação, em especial, as redes sociais, consiste em pensar sobre as demandas da contemporaneidade, os modos de construção de políticas públicas ou as suas reformulações, de acordo com o projeto político de poder vigente e como são mediadas as relações desses conteúdos com a sociedade.

Neste cenário previamente anunciado, esta pesquisa possui os seguintes objetivos.

- Geral: avaliar a Política de Prevenção ao Suicídio em Fortaleza, a partir das ações do eixo de Comunicação e Mobilização Social do Plano Municipal de Prevenção e Posvenção do Suicídio, por intermédio das suas campanhas, com foco nas postagens e no material publicitário (posts) que foram veiculados nas redes sociais, durante o mês de setembro dos anos de 2019, 2020 e 2021, totalizando 4 conteúdos selecionados.

- Específicos:

a) Reunir as percepções de jovens, na faixa etária entre 18 e 29 anos, integrantes do Programa Jovens Comunicadores da Rede CUCA, como receptores das campanhas do Setembro Amarelo de 2019, 2020 e 2021, que foram organizadas pelo Programa Vidas Preservadas e veiculadas em redes sociais e sites dos órgãos públicos (MPCE, PMF, Secretaria de Saúde), em Fortaleza.

b) Refletir com os jovens sobre os conteúdos apreendidos na experiência de serem leitores-receptores das campanhas de Comunicação e Mobilização Social, no mês destinado à conscientização sobre o suicídio.

c) Apresentar a trajetória da Política pública de Prevenção do Suicídio, conforme proposições da Prefeitura de Fortaleza, aliada a elementos para compreensão do Estado.

d) Elaborar recomendações para a Política de Prevenção ao Suicídio, em Fortaleza, no que tange ao seu eixo de Comunicação e Mobilização Social.

### 3 TRAJETÓRIA DA POLÍTICA

Analisar a trajetória de uma política pública, é fundamental para se perceber os desenhos institucionais que são formulados a partir desta. Dessa forma analisa-se o contexto local de implementação de políticas gestadas e como elas são compreendidas entre os entes federativos e reinterpretadas. É possível, dessa forma, perceber os desalinhamentos entre formulação, concepção e implementação da política pelas vias institucionais (RODRIGUES, 2016). Como mencionado, no Ceará percebemos um movimento atípico na implementação desta política.

Traçando um recorte histórico, o Brasil, desde o império até os anos de 1930 aproximadamente, possuiu um Estado autoritário e constituído por uma sociedade débil, que excluiu a participação das massas, embora tenhamos registrado os movimentos de resistência nas lutas pela independência e pela abolição da escravatura.

Gramsci deixou-nos conceitos esclarecedores para pensarmos, na contemporaneidade, a construção de políticas públicas e a sua reformulação, de acordo com o projeto político de poder vigente no país. Segundo Carnoy (1988, p. 89),

A ênfase que Gramsci atribuiu à política surgiu da situação histórica na qual ele viveu e participou como um líder intelectual envolvido com um movimento proletário de massa (o de Turim) durante a Primeira Guerra Mundial e nos anos imediatamente posteriores. A Itália, no final da guerra, foi o palco de uma importante luta entre os partidos políticos de esquerda e direita, uma luta que rapidamente transformou-se na vitória do fascismo em 1922 e na supressão dos direitos políticos. Como uma figura central do partido socialista italiano e em seguida do Partido Comunista (PCI), Gramsci viu o fracasso de um movimento revolucionário das massas trabalhadoras e o início de um fascismo reacionário apoiado por grande parte da classe trabalhadora. A partir dessa experiência ele desenvolveu um enfoque marxista alternativo do Estado – Todo o complexo de atividades práticas e teóricas com o qual a classe dominante não somente justifica e mantém seu domínio, mas procura conquistar o consentimento ativo daqueles sobre os quais exerce sua dominação (GRAMSCI, 1971; 24’4) – bem como uma teoria marxista da política, (uma estratégia alternativa para a derrubada do Estado burguês e a construção do socialismo).

Apesar desses esforços não terem sido suficientes para encarar de frente o Estado. Àquela época, éramos o retrato de uma sociedade oriental, não no seu sentido geográfico, mas no conceitual, segundo Gramsci, compreendido por Coutinho (1994, p. 58): “No oriente o Estado era tudo e a sociedade era primitiva e gelatinosa; no Ocidente, entre sociedade civil e Estado havia uma relação equilibrada: a um abalo do Estado imediatamente se percebia uma robusta estrutura da sociedade civil”. Comparado ao conceito de *Revolução passiva* de Gramsci, constatamos que todas as nossas transformações ocorreram pela imposição do poder hegemônico, ao longo da história brasileira: “Defrontado com massas potencialmente ativas, o

Estado institui a revolução passiva como uma técnica que a burguesia tenta adorar quando sua hegemonia está de alguma maneira enfraquecida. O aspecto ‘passivo’ consiste em ‘impedir’ o desenvolvimento de um adversário revolucionário, ‘decapitando’ seu potencial revolucionário” (CARNOY, 1988, p. 104).

Os anos 70/80 do século XX foram marcados, na sociedade brasileira, por processos de *contra-hegemonia*, onde os partidos, os movimentos sindicais e os movimentos populares se posicionaram na luta pela garantia dos direitos e na defesa de suas visões de mundo. Tratando-se da política de saúde mental, a ideia de que pessoas com transtornos mentais eram também sujeitos de direito foi reconhecida em lei, com forte oposição da sociedade, que se via maculada por um discurso higienista, segregatório e respaldado pela coerção estatal através de sua legislação. O movimento oposicionista arrastou-se durante décadas, justificando que, “na própria criação e no crescimento da contra-hegemonia, os aparelhos hegemônicos do Estado são enfrentados ou levados à crise” (CARNOY, 1988, p. 100). Ensaivamos, naquele período, uma sociedade civil, que segundo Gramsci “designa, mais precisamente, o conjunto das instituições responsáveis pelas representações dos interesses dos diferentes grupos sociais, bem como, pela elaboração e/ou difusão de valores simbólicos e de ideologias; ela compreende assim o sistema escolar, as igrejas, os partidos políticos, as organizações profissionais, os meios de comunicação, as instituições de caráter científico e artístico etc.” (COUTINHO, 1994, p. 53).

Dentre esses grupos, podemos destacar o Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental (MTSM) que foi composto por trabalhadores integrantes da reforma sanitária, que também lutavam por uma mudança, os profissionais da saúde, os familiares, as pessoas dos movimentos sindicais e as pessoas que já haviam passado pela experiência psiquiátrica e reivindicavam transformações e tencionavam o modelo psiquiátrico hospitalocêntrico vigente no Brasil de então, bastante rentável economicamente. Neste quesito, o Brasil inseria-se, à época, lentamente, em um modelo capitalista financiado, que vislumbrava transformar o país em uma potência financeira emergente, onde, sob o comando do presidente Fernando Collor de Melo, o Brasil foi submetido às estratégias impostas pelos países centrais, tais como: a abertura da economia, a retirada das formas de regulação, dentre outras, além da incorporação de um discurso neoliberal (RODRIGUES, 2012, p. 89).

Como em uma arena de ideias, o movimento da Reforma Psiquiátrica no país, por volta de 1970, que não se ancorava apenas em mudanças regimentais, mas na construção de um novo lugar social para as pessoas com transtornos mentais. Em tal esforço, identificamos a atitude defendida por Gramsci, durante a sua experiência no cárcere, de pensar como foi organizado o imaginário coletivo, sendo essa uma das questões fundamentais a ser entendida

para a mobilização do sentido de mudança. A necessidade da mudança foi o grande desafio da Reforma Psiquiátrica, como veremos mais adiante. Todavia, depois da realização do II Congresso dos Trabalhadores em Saúde Mental, em 1987, “os trabalhadores reunidos lançaram o manifesto: “por uma sociedade sem manicômios” que desencadeou a criação de novas perspectivas no sentido de reverter formas de pensar o modelo assistencial, a cidadania e a legislação em saúde mental” (ANDRADE, 2001, p. 703). Decorreu do referido congresso, a organização da I conferência Nacional de Saúde Mental e, ainda neste mesmo ano, a implementação do primeiro Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), na cidade de São Paulo.

A constituição de 1988 e a conseqüente criação do Sistema Único de Saúde (SUS), viabilizaram a articulação entre os entes federados (União, Estados e Municípios) e a disseminação das políticas públicas de saúde mental pelo país. Foi a partir desse momento, que podemos sentir o Estado ampliado, onde as massas interferiram, os partidos e os sindicatos passaram a representar os apelos da população e a constituição ganhou respaldo. Ainda, em 1988, o deputado Paulo Delgado (PT/MG) criou o projeto de Lei que passou por reformulações durante mais de uma década e culminou na Lei nº 10.216/2001 que dispôs sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais que reorientou o modelo assistencial em saúde no Brasil. Derivou-se dessa lei, a implementação de uma Política de Promoção de Direitos em Saúde Mental, comprometida com as necessidades da população, seguindo o ideário da Reforma Psiquiátrica, orientada por uma lógica antimanicomial e não hospitalocêntrica.

Situando em um contexto histórico, esse projeto de lei passou pelos governos de Fernando Collor e de Itamar Franco e a sua promulgação deu-se no último ano do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, que deixou a presidência com uma baixa popularidade, pois o modelo econômico, iniciado no período Collor, adotava uma lógica excludente e não atendia mais aos interesses do coletivo. Iniciava-se, então, na América Latina, uma virada à esquerda, com as eleições de Hugo Chávez, na Venezuela (1998), Luís Inácio Lula da Silva, no Brasil (2002), tendo como a sua sucessora, Dilma Rousseff (2010 e 2014), Cristina Kirchner, na Argentina (2003) e Evo Morales, na Bolívia (2005). Neste sentido, podemos observar como as transformações econômicas interferiram indiretamente e sem mecanicismos na vida social. Os fatos supracitados, que destacam uma tendência aos governos de esquerda, possibilitam-nos pensar sobre o Marxismo que estava em construção naquelas nações e o fato de que os elementos constituintes desse Marxismo não foram pensados em sua nova composição, cabendo-nos observá-los no movimento da história:

E uma história que não consiste apenas numa série de desvios em relação a uma pretensa verdade revelada /ou numa mera sucessão de aplicações bem ou mal-sucedidas dessa verdade, mas num esforço permanente de superação dialética de posições que se tornaram anacrônicas ou se revelaram equivocadas (COUTINHO, 1994, pp. 9-10).

Durante os governos petistas, iniciados em 2002, a Política Nacional de Saúde Mental vivenciou grandes avanços e, dentre as conquistas da Reforma psiquiátrica, podemos destacar:

- Lei nº 10.708, de 31 de julho de 2003, que instituiu o auxílio-reabilitação psicossocial para pacientes acometidos de transtornos mentais egressos de internação. O objetivo do Programa foi contribuir efetivamente para o processo de inserção social das pessoas com longa história de internações em hospitais psiquiátricos, através do pagamento mensal de um auxílio-reabilitação, no valor de R\$ 240,00 (duzentos e quarenta reais, aproximadamente 110 dólares) aos seus beneficiários. Para receber o auxílio-reabilitação do Programa de Volta para Casa, a pessoa devia ser egressa de Hospital Psiquiátrico ou de Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, e ter indicação para inclusão em programa municipal de reintegração social (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005).

- Programa Anual de Reestruturação da Assistência Hospitalar no SUS (PRH) - 2004. A principal estratégia do Programa foi o de promover a redução progressiva e pactuada de leitos a partir dos macro-hospitais (acima de 600 leitos, muitas vezes hospitais-cidade, com mais de mil leitos) e hospitais de grande porte (com 240 a 600 leitos psiquiátricos).

O Programa buscou garantir que, os recursos que deixavam de ser utilizados nos hospitais, com a progressiva redução de leitos, permanecessem no campo das ações de saúde mental e fossem direcionados para os equipamentos da Reforma Psiquiátrica. Dessa forma, buscou-se assegurar o incremento das ações territoriais e comunitárias de saúde mental, como os Centros de Atenção Psicossocial, Serviços Residenciais Terapêuticos, ambulatórios, atenção básica e outros.

- Encontro dos movimentos da Reforma Psiquiátrica e de Economia Solidária. Neste contexto, o marco da Economia Solidária, como movimento de luta contra a exclusão social e econômica, surgiu como parceiro natural para a discussão da exclusão das pessoas com transtornos mentais do mercado de trabalho. De fato, os movimentos da Reforma Psiquiátrica e da Economia Solidária compartilham princípios fundamentais quando fazem a opção ética, política e ideológica por uma sociedade marcada pela solidariedade. A economia solidária foi, em 2004, a política oficial do Ministério do Trabalho e Emprego e compreendia um movimento organizado de resposta à exclusão por gênero, raça, idade, estilo de vida e instrução (entre

outros fatores), das pessoas do campo do trabalho. Foi explícita, neste marco referencial, a crítica dirigida à dura lógica capitalista de produção incessante de vitoriosos e derrotados. Como horizonte vislumbrado pela da Economia Solidária, encontrava-se a instauração da solidariedade como norma social e a construção de empreendimentos coletivos e autogestionários como resposta à exclusão do mercado. Foi através de um diálogo permanente entre os campos da saúde mental e da economia solidária que o Programa de Inclusão Social pelo Trabalho das pessoas com transtornos mentais e transtornos decorrentes do uso de álcool e outras drogas começou a ser delineado.

- Institui o Grupo de Trabalho composto pelos Ministérios da Saúde e do Trabalho e Emprego, gestores do SUS, representantes das iniciativas de geração de renda e representantes de usuários, em 2005, que possibilitou uma discussão mais sistematizada, em torno dos temas da saúde mental e da economia solidária e a inclusão destes temas nas agendas sociais do governo federal, dos estados e dos municípios. Em julho de 2005, o Ministério da Saúde implementou uma linha específica de incentivo financeiro para os municípios que desenvolviam atividades de inclusão social pelo trabalho para pessoas com transtornos mentais ou com transtornos decorrentes do uso de álcool e outras drogas. Pela primeira vez, estas iniciativas passaram a receber recursos federais.

Ainda neste ano, a portaria nº 2.542 de dezembro de 2005 foi o primeiro documento que instituiu o Grupo de Trabalho com o objetivo de elaborar e implantar a Estratégia Nacional de Prevenção ao Suicídio, “Considerando a necessidade de desenvolver a Estratégia Nacional de Prevenção do Suicídio, no âmbito do Ministério da Saúde, com a participação de outras instituições”. A referida portaria elenca procedimentos básicos que subsidiariam a proposta, assim definidos:

- Instituir, no âmbito do Ministério da Saúde, Grupo de Trabalho com o objetivo de elaborar e implantar a Estratégia Nacional de Prevenção ao Suicídio.

- Definir que o Grupo de Trabalho será representado pela Secretaria de Atenção à Saúde/Departamento de Ações Programáticas Estratégicas – Área Técnica de Saúde Mental, contando com a participação de três representantes da Secretaria de Atenção à Saúde, um representante da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde; um representante da Secretaria de Vigilância na Saúde; um representante da Agência Nacional de Vigilância Sanitária; um representante do Programa SUPREOMS; um representante da Universidade de Brasília; um representante do Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; um representante da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul;



um representante do Núcleo de Epidemiologia do Instituto Phillippe Pinel, do Rio de Janeiro; e um representante do Centro de Valorização da Vida.

No ano seguinte, dando os primeiros passos para o plano estratégico, a portaria nº 1.876 de agosto de 2006, instituiu as Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, que foram implantadas em todas as unidades federadas, respeitando as competências das três esferas de gestão.

Dentre as suas resoluções, estabeleceu que as Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio deveriam ser organizadas de forma articulada entre o Ministério da Saúde, as Secretarias de Estado de Saúde, as Secretarias Municipais de Saúde, as instituições acadêmicas, as organizações da sociedade civil, os organismos governamentais e os não governamentais, nacionais e internacionais, permitindo, desenvolver estratégias de promoção de qualidade de vida, de educação, de proteção e de recuperação da saúde e de prevenção de danos; desenvolver estratégias de informação, de comunicação e de sensibilização da sociedade de que o suicídio é um problema de Saúde Pública que pode ser prevenido; organizar linhas de cuidados integrais (promoção, prevenção, tratamento e recuperação) em todos os níveis de atenção, garantindo o acesso às diferentes modalidades terapêuticas; identificar a prevalência dos determinantes e condicionantes do suicídio e tentativas, assim como os fatores protetores e o desenvolvimento de ações intersetoriais de responsabilidade pública, sem excluir a responsabilidade de toda a sociedade; fomentar e executar projetos estratégicos fundamentados em estudos de custo-efetividade, eficácia e qualidade, bem como em processos de organização da rede de atenção e intervenção nos casos de tentativas de suicídio; contribuir para o desenvolvimento de métodos de coleta e análise de dados, permitindo a qualificação da gestão, a disseminação das informações e dos conhecimentos; promover intercâmbio entre o Sistema de Informações do SUS e outros sistemas de informações setoriais afins, implementando e aperfeiçoando permanentemente a produção de dados e garantindo a democratização das informações; e promover a educação permanente dos profissionais de saúde das unidades de atenção básica, inclusive do Programa Saúde da Família, dos serviços de saúde mental, das unidades de urgência e emergência, de acordo com os princípios da integralidade e da humanização.

Ainda, em 2006, foi publicado o documento “Prevenção do Suicídio: Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental” (BRASIL, 2006), com especial ênfase às equipes dos Centros de Atenção Psicossociais (CAPS), cuja finalidade foi a de orientar profissionais nos primeiros passos quando encontrarem pessoas com risco suicida e apresentar medidas preventivas, bem como, realizar a detecção precoce de transtornos mentais associadas ao suicídio.

- Portaria nº336, de 19 de fevereiro de 2007, que estabeleceu que os Centros de Atenção Psicossocial poderiam constituir-se nas seguintes modalidades de serviços: CAPS I, CAPS II e CAPS III, definidos por ordem crescente de porte/complexidade e abrangência populacional.

- Portaria MS nº 3088/2011 que instituiu a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

Os dados referentes às tentativas de suicídios estiveram, durante muito tempo, mais escassos do que os do suicídio, muitas vezes omitidos a pedido dos próprios familiares. Somente em 2014, através da portaria GM/MS nº 1.271 de 6 de junho, essas tentativas foram inseridas na Lista Nacional de Notificação Compulsória de Doenças, Agravos e Eventos de Saúde Pública. Essa notificação tornou-se imprescindível para articular a vigilância epidemiológica do município com a rede de atenção à saúde.

O Brasil assumiu a meta de redução em 10% do número de suicídios até 2020. Em 2017, reafirmando o compromisso assumido em 2006, o Ministério da Saúde, lançou a Agenda de Ações Estratégicas a serem desenvolvidas entre os anos de 2017 e 2020. As ações foram divididas em 3 (três) eixos temáticos, sendo eles:

- Eixo I - Vigilância e qualificação da Informação: sensibilização dos profissionais de saúde sobre as notificações das tentativas de suicídio de forma eficiente; qualificação do diagnóstico médico em reporte a causa do óbito por suicídio; atualização dos sistemas de informações existentes para registros de suicídios; e publicação de dados e relatórios periodicamente sobre o tema.

- Eixo II - Prevenção do Suicídio e Promoção da Saúde: fomento às iniciativas intersetoriais para a regulação e controle da disponibilidade e acesso aos meios utilizados para o suicídio; apoio às atividades relacionadas à prevenção de violências e promoção da cultura de paz, prevenção do uso prejudicial de álcool e outras drogas; mapeamento, divulgação e fomento das iniciativas locais de vigilância, promoção de saúde e prevenção para enfrentamento do suicídio; coordenação do Plano Nacional de Prevenção do Suicídio no Brasil em parceria com as secretarias estaduais e municipais de Saúde; apoio aos arranjos intersetoriais em nível nacional, estadual e municipal, nas ações de cuidado e Prevenção do Suicídio.

- Eixo III - Gestão e Cuidado: identificação e disseminação de experiências exitosas locais e internacionais de Prevenção do Suicídio no campo da atenção e gestão; qualificação das estratégias de notificação, início imediato de acompanhamento clínico e psicossocial e monitoramento nos casos de tentativas de suicídio, no cotidiano dos serviços;

publicação dos documentos orientadores específicos para a Prevenção do Suicídio, acompanhamento e articulação de Redes para profissionais e gestores de saúde; articulação de capacitações de prevenção de forma ampla para profissionais de saúde, educação, justiça, assistência social, entre outras áreas.

- A emenda constitucional 95, conhecida como a PEC do teto dos gastos, aprovada durante o governo de Michel Temer, o sucessor de Dilma Rousseff, congelou os investimentos, dentre outras áreas, no Sistema Único de Saúde, por 20 anos e, conseqüentemente, na Rede de Saúde Mental, que oferece atendimento gratuito à população por meio de CAPs, NASFs e ESFs.

Gramsci (2001) atentou-se para o peso que a superestrutura, a sociedade civil, os intelectuais têm sobre as transformações da base econômica e isso observa-se refletido na eleição do presidente Jair Messias Bolsonaro, em 2018, que adotou um modelo rentista neoextrativista. Como podemos constatar, a política neoliberal é excludente e o fascismo engloba estes e os demais descontentes, que estão fora deste modelo. Esses setores viraram alvo, por exemplo, de igrejas neopentecostais que possuem um discurso homogêneo e conservador, com forte penetração no contexto social, construindo uma hegemonia e uma base de massa do discurso Neoliberal do então ministro da Economia, Paulo Guedes, e do fundamentalismo da ministra da Mulher, Família e Direitos humanos, Damara Alves. É neste caldeirão neoliberal que emergiu, em fevereiro de 2019, a nota técnica nº 11/2019-CGMAD/DAPES/SAS/MS, que trata dos Esclarecimentos sobre as mudanças na Política Nacional de Saúde Mental e nas Diretrizes da Política Nacional sobre Drogas, que incentiva o retorno do hospital psiquiátrico, como destaca a Portaria 3588, em seu Art. 9.º e informa que se mantém as diretrizes e normas previstas para os Hospitais Psiquiátricos Especializados, constantes do Anexo XXV à Portaria de Consolidação no 5 GM/MS, de 28 de setembro de 2017. No entanto, a partir da nova normativa, o Hospital Psiquiátrico passa a ser incluído na RAPS e não mais se incentiva o seu fechamento.

- Em abril de 2019, entrou em vigor a Lei nº 13.819 que instituiu a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios e no âmbito local foi assinado o decreto Nº 14.414, de 02 de maio de 2019 (Diário Oficial 16.497) que instituiu o Grupo de Trabalho Prevenção e Posvenção ao Suicídio no âmbito do Município de Fortaleza (imagem), resultando na formulação do Plano Municipal de Prevenção e Posvenção do Suicídio naquele mesmo ano.

Figura 9 – Grupo de trabalho para elaboração do Plano Municipal de Prevenção do Suicídio de Fortaleza



Fonte: Site da Prefeitura de Fortaleza.

O GT local contou com representantes ligados a todas as secretarias, universidades, exército, ONGs, caracterizando uma intersetorialidade necessária para a implementação e execução do Plano Municipal, compreendida como uma lógica de gestão para a superação da forma fragmentada com que são executadas as políticas sociais no país (NASCIMENTO, 2010).

### 3.1 Setembro Amarelo

Basta chegar o mês de setembro para os órgãos públicos, as redes sociais, as camisetas, os *bottons* e toda forma de apresentação possível se encham de lacinhos amarelos para lembrar que, naquele mês, falaremos de suicídio. Pessoas que pareciam hibernar durante os últimos 11 meses, agora oferecem seu *inbox* para as outras, “caso queiram conversar”.

Trabalhei durante uma década em um equipamento de Assistência Social que aniquilava meus anseios de pensar como trabalhar essa temática de uma forma coletiva e em rede, para reduzir-se apenas à caminhada com um carro de som esbravejando que “A sua vida importa!”. A minha força motivacional não conseguia balançar aquele balão amarelo, fazendo-me alegoria do desfile que passavas pelas ruas da cidadezinha do interior, a mesma que atribuía à “falta de Deus”, a razão do suicídio. Sorrisos forçados ganhavam as fotografias postadas nas redes sociais daquela prefeitura municipal. Eu sentia, naquelas ocasiões, que o suicídio devia ser lembrado, mas nunca falado.

As campanhas do Setembro Amarelo foram nacionalmente iniciadas em 2014, encabeçadas pelo Conselho Federal de Medicina e pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), sendo o dia 10 de setembro, considerado o Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio. A campanha tem o intuito de gerar uma mobilização durante todo o ano, mas a sua midiaticização, infelizmente, só é acentuada no referido mês.

Foi no meu sétimo ano de Setembro Amarelo, em 2021, que me desafiei a compreender como esse tipo de campanha conversa com os seus produtores e os seus receptores, neste estudo compreendidos por 16 (dezesesseis) jovens, de 18 a 29 anos, participantes do programa Jovens Comunicadores, da Rede CUCA, em Fortaleza: Com eles, desejamos saber: Quem estamos comunicando? Quem passa essa informação? Quem queremos atingir? O que almejamos com as campanhas do Setembro Amarelo? Em que medida estas campanhas, enquanto estratégias de uma política pública, acompanham os cidadãos aos serviços de saúde do qual necessitam?

Han (2021, p. 39) afirma que o sentido na comunicação dar-se-á através da relação quando,

a comunicação humana promove o sentido apenas pelo fato de que ela representa uma forma de conclusão. O ser humano se comunica apenas para escapar à morte e para dar sentido à vida. O diálogo representa uma forma bela de conclusão. Por isso ele pode promover o sentido. Ele é a comunicação com um tu.

Focamos esta pesquisa no eixo específico de Comunicação que engloba, dentre outras ações, a criação de campanhas para o Setembro Amarelo e busca compreender como os “Jovens Comunicadores” recepcionam as campanhas publicitárias do Setembro Amarelo e quais as ressonâncias são por elas provocadas em suas vidas, tendo em vista os seus contextos sócio-econômico-cultural diante das demandas do modelo neoliberal. Mostrou-se um trabalho provocador ao trazer as questões da subjetividade e do ser pessoa como uma essencialidade a ser lembrada insistentemente dentro de uma política pública e que necessita ser abraçado pelo Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas, programa este que está inserido em um departamento interdisciplinar. Quisemos, portanto, abordar a multifatorialidade do suicídio para pensá-lo como um fenômeno transdisciplinar e, para isso, precisei mostrar como esta temática me atravessa, entendendo que,

o(a) investigador(a) transdisciplinar não está separado do que ele ou ela sabe: ele ou ela é parte do conhecimento. Neutralidade e objetividade rigorosa no conhecimento é somente um fantasma do pensamento clássico, em contradição à interpretação de teorias e dados da ciência contemporânea (DRAVET *et al.*, 2019, p. 14).

A minha escrita nesta dissertação, tornou-se o que Levy (1993, p. 43) define como o ato onde “as experiências que temos sobre as coisas misturam-se como imagens em demasia, ligam-se por um número excessivo de fios ao inextricável emaranhado das vivências ou à indizível qualidade do instante: não é possível ordená-las, compará-las, dominá-las”.

No decorrer dos parágrafos aqui compostos será possível perceber a intertextualidade presente neste trabalho como uma metáfora, onde pesquisador e contexto alinham e desalinham um mundo de sentidos. O intertexto acontece quando dois ou mais textos se relacionam e o texto derivado dar-se por transformação ou imitação. A redação assume um caráter de não linearidade, entrelaçando-se com imagens, músicas, poemas, que resultam em um novo texto, muitas vezes recursivos, daqueles que parecem circular o tema em andanças infinitas. A intenção é produzir um universo externo ao texto, capaz de provocar a curiosidade na leitora ou no leitor, causando deslocamentos do seu próprio universo e que a(o) leva a transitar para fora.



### **É Proibido Proibir (Ambiente De Festival)<sup>5</sup>**

A mãe da virgem diz que não:  
 Que o anúncio da televisão  
 Estava escrito no portão  
 E o maestro ergueu o dedo.  
 E, além da porta,  
 Há o porteiro, sim...  
 E eu digo "não".  
 E eu digo não ao "não".  
 Eu digo: é proibido proibir.  
 É proibido proibir.  
 É proibido proibir.  
 É proibido proibir.  
 Me dê um beijo, meu amor:  
 Eles estão nos esperando.  
 Os automóveis ardem, em chamas.  
 Derrubar as prateleiras,  
 As estantes, as estátuas,  
 As vidraças, louças, livros... Sim.  
 E eu digo "sim".  
 E eu digo não ao "não".  
 E eu digo: é proibido proibir.  
 É proibido proibir.  
 É proibido proibir.

<sup>5</sup> Música “É Proibido proibir”, de Caetano Veloso. A canção, apresentada em 15 de setembro de 1968 no III Festival Internacional da canção, foi recebida com furiosa raiva pelo público e seu lema continua atual, a intolerância.

É proibido proibir.  
É proibido proibir.  
Caí no areal na hora adversa  
Que Deus concede aos seus,  
Para o intervalo em que esteja a alma imersa  
Em sonhos que são Deus.  
Que importa o areal, a morte, a desventura,  
Se com Deus me guardei?  
É o que me sonhei, que eterno dura.  
É esse que regressarei.  
Me dê um beijo, meu amor:  
Eles estão nos esperando.  
Os automóveis ardem, em chamas.  
Derrubar as prateleiras,  
As estátuas, as estantes,  
As vidraças, louças, livros... Sim.  
E eu digo "sim".  
E eu digo não ao "não".  
E eu digo: é proibido proibir.  
É proibido proibir.  
É proibido proibir.  
É proibido proibir.  
É proibido proibir

## **4 GELEIA GERAL**

A expressão Geleia Geral, do poeta Décio Pignatari, nos remete a um momento da história brasileira onde o moderno e o clássico caminhavam juntos, as artes adentravam em um radicalismo estético e o tropicalismo assumia uma posição crítica. A expressão também é título da canção de Torquato Neto e de Gilberto Gil.

A escolha do título deste capítulo deve-se à minha tentativa de produzir intermediações com a temática do suicídio, uma geleia geral de nuances complexas, através da avaliação de campanhas divulgadas em redes sociais, a partir dos seus receptores, sendo o resultado dessas conexões abordados com o olhar clássico de Gramsci e o atual modelo econômico neoliberal, tudo isso aliado a uma estética de escrita intertextual que não segue os modelos canônicos da escrita científica. Fazemos, aqui também, uma geleia geral.

### **4.1 Programa Vidas Preservadas**

O objetivo geral do programa foi o de promover, em parceria com um importante grupo de órgãos públicos e de organizações não governamentais, uma abordagem intersetorial da temática, de modo a fomentar o debate, a sensibilização e o fortalecimento de políticas públicas para a promoção da saúde e para o surgimento de estratégias de cuidado integral da população na perspectiva do trabalho em rede.

O objetivo geral do programa Vidas Preservadas desdobrou-se nos seguintes objetivos específicos:

1) Fomentar o surgimento de um vigoroso e perene movimento pela valorização da vida que integre tanto as instituições públicas quanto as organizações não governamentais.

2) Promover o reconhecimento por parte de toda a sociedade, mas principalmente pelos gestores públicos, de que o suicídio é um problema de Saúde Pública.

3) Contribuir para a garantia de recursos públicos prioritários capazes de fazerem surgir e/ou de fortalecerem políticas públicas intersetoriais e efetivas para a Prevenção do Suicídio.

4) Promover eventos e espetáculos artísticos que abordem a Prevenção do Suicídio ao longo de todo o ano, desconcentrando a discussão da temática do chamado “Setembro Amarelo”, de modo a garantir uma diminuição gradual dos tabus, dos estigmas e dos preconceitos que cercam o assunto.



5) Qualificar a atuação do Ministério Público do Estado do Ceará na prevenção e na posvenção do fenômeno do suicídio.

6) Promover capacitações que:

- tragam informações indispensáveis para que atores sociais estratégicos: a) possam identificar riscos de suicídio no meio social onde atuam; b) tenham êxito em abordar imediata e adequadamente quem está com a ideação suicida; e c) se sintam capazes de realizar o encaminhamento necessário.

- promovam o surgimento de comissões municipais de prevenção e posvenção do suicídio nos principais municípios do Estado do Ceará, de forma a ser iniciado o processo de discussão que deverá culminar com a aprovação do Plano Municipal de Prevenção e Posvenção do Suicídio.

- preparem psicólogos vinculados às redes de ensino (pública e privada) para: a) manuseio do instrumental capaz de aferir o risco de ideação suicida entre os estudantes; e b) terem condição de executar um protocolo clínico de atendimento dos estudantes com grave risco de modo a evitar as tentativas e os casos de suicídio.

- esclareçam jornalistas, radialistas, assessores de comunicação, publicitários, blogueiros e “youtubers” sobre: a) a importância de pautar na mídia a Prevenção do Suicídio; b) o modo correto de reportar casos de suicídio e de tratar dessa temática.

- preparem profissionais da segurança pública e seguranças particulares de shoppings para saberem como lidar com situações de tentativa ou casos de suicídio.

- preparem familiares para saberem como lidar com situações de tentativa ou casos de suicídio.

O programa foi dividido em 4 eixos:

**1) CAPACITAÇÕES**, que engloba os seguintes cursos:

1.1) Guardiões da vida: capacitar agentes para identificar sinais de alarme, os fatores de risco e de proteção.

1.2) Impulso de vida: capacitar psicólogos que atuem em ambiente escolar para aplicar um instrumental que identifique o risco de ideação suicida da criança ou adolescente e, num desdobramento fundamental, iniciar um protocolo clínico de atendimento aos que apresentarem alto risco.

1.3) Planejamento Estratégico dos municípios: capacitação para garantir a elaboração pelos municípios cearenses participantes de um Plano Municipal de Prevenção e Posvenção do Suicídio adequado à realidade de cada território.

1.4) Vida em pauta: como tratar o suicídio na mídia: capacitação voltada para profissionais que atuam na área da comunicação que tem como objetivo estimular os meios de comunicação a tratarem o tema suicídio de forma frequente, mas utilizando as estratégias corretas para que não se verifique o chamado Efeito Werther.

1.5) Shopping: Vidas em Segurança: capacitação para seguranças que trabalham em shoppings centers que já tiveram alguma tentativa ou consumação de suicídio.

1.6) Segurança Pública em favor da Vida: curso que tem por finalidade capacitar policiais (civis e militares), bombeiros militares, guardas municipais e integrantes das Forças Armadas para saberem como agir diante de uma pessoa que está na iminência de praticar um ato suicida.

1.7) Família: Escola de Vida: capacitação voltada para a família de tentantes ou que perderam alguém que tirou a própria vida.

**2) SEMINÁRIOS**, com o objetivo de fomentar os debates públicos com a participação especialistas na área de prevenção e posvenção do suicídio.

**3) CAMPANHAS**, cuja ideia é criar campanhas publicitárias, vídeos e posts para serem compartilhados em redes sociais, gerando reflexão e engajamento. Um post será formatado para compartilhamento em redes sociais com a finalidade de desestimular o envio de fotos e vídeos vinculados a atos suicidas. Vídeos e posts de apoio ao Setembro Amarelo também serão confeccionados e compartilhados nas redes sociais. Já quanto às campanhas propriamente ditas, no mínimo, serão estruturadas:

3.1) “Desafios da Vida”: apresentada durante o mês de Setembro com o intuito de provocar a fim de que possam ser desenvolvidas ações que despertem bem-estar.

3.2) “A Vida é um Presente” que será veiculada nos dias que antecedem ao Natal cujo intuito será de contribuir para a diminuição do alto número atos suicidas comuns, nessa época do ano.

**4) RECONHECIMENTO**, se constituirá por ações que buscarão dar reconhecimento para municípios e equipamentos públicos e privados que realizaram ações concretas e possibilitaram a diminuição dos casos de suicídio, avaliadas a partir de estratégias previamente estabelecidas pelo programa Vidas preservadas.

## 4.2 Plano Municipal de Prevenção e Posvenção do Suicídio em Fortaleza

Nas últimas décadas, com o crescimento das políticas sociais no Estado brasileiro, as avaliações precisaram ser repensadas, em virtude de uma emergência da sociedade civil e da estruturação do controle social. O processo de construção de conhecimento, de problematização, de movimentação de teorias a fim de avaliar um problema dentro de uma política pública é o cerne dos paradigmas contemporâneos. Eles partem do pressuposto de que não existe neutralidade no campo da avaliação; portanto, contemplam como o pesquisador pode lidar com a compreensão que ele possui sobre a política e com o entendimento que têm os outros atores inseridos, fornecendo-lhes um sentido mais interpretativo da política. Desse modo, repensam a política dentro de um campo democrático de garantia de direitos.

Segundo Raul Lejano (2012), a formulação de uma política ocorre em meio à ação (ou implementação), como uma espécie de aprendizado embasado, processo denominado pelo autor de ‘ação política’. O Plano Municipal de Prevenção do Suicídio, elaborado em 2018, teve como objetivo “promover ações articuladas e integradas entre governo e sociedade na rede de cuidados voltada à Prevenção e Posvenção do suicídio em Fortaleza” (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2019, p. 65) e apresentou a relação entre os atores estratégicos participantes da formulação do plano e os eixos por estes desenvolvimentos como estratégias para implementação de ações no biênio 2019-2020.

Participaram da construção coletiva, envolvendo suas funções, potencialidades e limitações, equipamentos das variadas políticas públicas municipais, ONGs e atores ligados direta ou indiretamente à administração pública (ANEXO B). O Plano destaca o caráter participativo na sua elaboração, valorizando “o conhecimento das pessoas, grupos e instituições envolvidos, direta ou indiretamente, na situação atual, com vistas a proposta de intervenção” para que possa ser construído sobre bases previamente existentes (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2019, p. 56).

A construção coletiva do plano apresentou eixos temáticos como forma de estratégia de ações definidas para os mesmos, a fim de serem implementadas no referido biênio:

- Eixo 1: Qualificação Profissional;
- Eixo 2: Comunicação e Mobilização Social;
- Eixo 3: Vida em Família e Comunidade;
- Eixo 4: Gestão da Rede de Cuidado Integral;
- Eixo 5: Planejamento e Gestão do Plano.

Como destaquei anteriormente, nesta pesquisa escolhi o eixo da Comunicação e Mobilização Social (ANEXO C) do Plano Municipal de Prevenção e Posvenção do Suicídio, em virtude do advento das redes sociais como forma de comunicação e como elas estão transformando as formas de sociabilização, de organização e de mobilização social.

Uma rede social pode ser definida como um conjunto de dois elementos: atores e suas conexões, sendo os primeiros as pessoas, as instituições, os grupos; e os últimos, as interações e os laços sociais. Uma rede social é uma espécie de metáfora de observação dos padrões de conexão, estabelecidos entre os mais diversos atores e que não podem ser analisados isoladamente, somente dentro de uma estrutura social formada (RECUERO, 2009, p. 24).

Este eixo visa, como resultado estratégico, atingir a população com informações e sensibilizações sobre a temática. Para esse intento, destaca as seguintes ações: Realizar campanhas de sensibilização, com foco nos serviços, na família e na comunidade (Setembro Amarelo) e criar campanhas publicitárias (vídeos e postagens), para serem compartilhadas em redes sociais, gerando reflexão e engajamento (Ação articulada com o Ministério Público), elaboração e divulgação de cartilhas sobre a temática, com capacitação dos profissionais de mídia e a realização de campanhas de valorização de Cultura de Paz.

Localizei no advento das redes sociais como meio de comunicação, o potencial de promover sociabilização, organização e mobilização social. Os estudos acerca das mediações na comunicação, desenvolvido por Jesús Martín-Barbero (1997), serviu como embasamento teórico para a compreensão dos dados coletados. Avaliamos a recepção do material elaborado pelo MPCE durante o mês de setembro dos anos de 2019, de 2020 e de 2021, por usuários jovens integrantes do programa Jovens Comunicadores da Rede CUCA. A campanha de 2019, intitulada #RECADOSAMARELOS consistiu em postagens nos dias ímpares do mês de setembro no perfil do *Instagram* “@vidaspreservadas”, com mensagens de apoio escritas em bilhetes no formato “*post-it*”. É possível observar uma média de 160 a 200 curtidas em cada postagem e comentários quase inexistentes. Em 2020, foi reproduzida uma única peça produzida pelos jovens do programa “Jovens Comunicadores” da Rede Cuca, totalizando até o momento, 657 visualizações e um *post* em alusão ao dia mundial de prevenção ao suicídio e tendo a campanha de 2021 uma postagem referente à mesma data.

## 4.3 Mediação

### 4.3.1 Hegemonia nos Meios às Mediações

A teoria da comunicação proposta por Jesús Martín-Barbero ultrapassa o paradigma linear da relação de produtores e os receptores de conteúdos comunicacionais massivos, que limitam a comunicação a um meio de dominação das massas através da propagação e imposição das ideologias dominantes, ou seja, o processo comunicacional deve ser analisado como um todo e não somente como um processo comunicacional entre emissores dominantes e receptores dominados. Segundo Martín-Barbero (1997, p. 58),

nem a família, nem a escola-velhos redutos da ideologia – são já o espaço chave da socialização, ‘os mentores da nova conduta são os filmes, a televisão, a publicidade’, que começam transformando os modos de vestir e terminam transformando uma ‘metamorfose dos aspectos morais mais profundos’.

Para o autor, massa é um fenômeno psicológico cujos indivíduos, independentes de suas diferenças, unificam-se em torno de uma alma coletiva, comportando-se de maneira diferente, caso estivessem apresentando-se isoladamente (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 34) e complementa afirmando que “a cultura de massa seria a primeira a possibilitar a comunicação entre os diferentes estratos da sociedade” (1997, p. 59). Para chegar à teoria das mediações, Martín-Barbero partiu de incômodos com teorias hegemônicas que atribuíam aos meios de comunicação, a função de instrumentos de reprodução ideológica; vendo-se chamado a pensar que somente uma outra forma de cultura que não se limitasse às representações econômicas e sociais, impostas pelas classes dominantes aos dominados, ressignificaria o modelo vigente.

A teoria barberiana desloca o foco dos meios para as mediações, da interação do que é produzido com os movimentos sociais, ao incluir como mediação fundamental, a inserção cultural do receptor, onde o primordial das pesquisas não se encontra entre os meios, mas nas relações sociais que ocorrem no processo de recepção. Braga (2012, p. 33) observa a necessidade de focar nessas mediações e os novos elementos que elas revelam:

Introduz uma preocupação daquelas mediações, com os elementos que aí se realizam – mas sobretudo com o modo, a intensidade, a eficácia de tais mediações (culturais) no enfrentamento de seu par relacional (a mídia com seus produtos). Essa percepção é relevante, não apenas porque põe em cena o receptor integrado em seus ambientes – mas também porque começa a fazer perceber os processos mediatizados.

Gadini e Pismel (2017, p. 38) definem essa interação como resistência, reconhecimento e negociação de sentido quando se pesquisa os diferentes usos e apropriações

populares, não encontrando relação de passividade e submissão. O indivíduo, ao participar desse processo, representa a si e seus arredores, proporcionando uma relevante produção e troca de sentidos, deixando de responder apenas o que os meios fazem com as pessoas e passa a questionar o que as pessoas fazem com os meios.

Dados do final da década de 1970 na América Latina sob influência dos estudos culturais britânicos iniciados na década anterior, os estudos de Martín-Barbero ancoraram-se nas ideias de Gramsci como forma de sustentação teórica, incorporando dentre outros, o conceito de hegemonia quando cita a contribuição do filósofo dentro do marxismo:

Está, em primeiro lugar, o conceito de hegemonia elaborado por Gramsci, possibilitando pensar o processo de dominação social já não como imposição a partir de um exterior e sem sujeitos, mas como um processo no qual uma classe hegemoniza, na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus as classes subalternas. E ‘na medida’ significa aqui que não há hegemonia, mas sim que ela se faz e desfaz, se refaz permanentemente num ‘processo vivido’, feito não só de força, mas também de sentido, de apropriação do sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 104).

Gerretana (*apud* COUTINHO, 2011, p. 145), ao fazer uma leitura crítica da teoria gramsciana a fim de desfazer generalizações conceituais de hegemonia, afirma que as formas como a mesma aparece na história ocorrem de maneiras diferentes e mudam de acordo com a natureza das forças sociais que a exercem. Carnoy (1988 *apud* GLUCKSMANN, 1974, p. 96) complementa ilustrando que “o aparelho da escola (educação superior e básica), o aparelho cultural (os museus e as bibliotecas), a organização da informação, o planejamento de vida, urbanismo, sem esquecer a importância específica dos aparelhos possivelmente herdados de um modo de produção anterior (por exemplo, a igreja e seus intelectuais)” são determinantes para o que se torna hegemônico em um país.

A apropriação do conceito gramsciano de hegemonia pelos estudos de viés cultural acabou por produzir modulações relevantes na trajetória dos estudos das teorias da comunicação. Pode-se citar a concepção dada a cultura como uma arena de batalha onde o ato de criar significados traz consigo tentativas de dominação, resistências e formação de consensos; o conceito permitiu vislumbrar as produções midiáticas não somente como mecanismos de reprodução da realidade, mas também de mudança social (MORAES, 2018, p. 173).

Em *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia* (1997), obra que marca a ruptura de Martín-Barbero com o que ele mesmo chamou de perspectiva ideologista, traz em seu subtítulo conceitos que se articulam e bebem da fonte teórica proposta pelo italiano:

a ‘potencialidade original’ das reflexões de Gramsci sobre a comunicação consiste, justamente, em relacioná-la com a totalidade da vida social, compreendendo-a como cultura, práxis interativa, mediação entre sujeito e objeto. E, como tal, está associada, no pensamento gramsciano, à problemática do Estado, das relações de poder, da hegemonia, isto é, da liderança intelectual e moral de um grupo social sobre o conjunto da sociedade. Em última análise, todo processo de hegemonia é, necessariamente, um processo comunicacional. Afinal, é pela interação semiótica, pela reelaboração e compartilhamento dos signos que os sujeitos constroem suas identidades, organizam a sua visão de mundo, representando a realidade a partir de uma perspectiva e de acordo com seus interesses, anseios e expectativas (COUTINHO, 2008, pp. 43-44).

Em virtude do aspecto temporal e os meios de comunicação vigentes, os trabalhos de Martín-Barbero deram ênfase à televisão, rádio e ao cinema, convidando-nos a inseri-los nos estudos contemporâneos onde a popularização das redes sociais se faz presente. Assim, a produção dos meios não atende exclusivamente aos aspectos comerciais, mas também aos desejos dos receptores. Portanto, a partir do momento em que Martín-Barbero uniu os processos sociais à análise comunicacional, ele inaugurou uma linha teórica que resgatou a criatividade dos sujeitos, a complexidade da vida e o caráter interativo exercido com os meios.

Carvalho (2011, p. 93) analisou as mudanças ocorridas no início do século XXI, nas formas de comunicação dos brasileiros, em virtude do advento das redes sociais, concluindo que,

a comunicação de massa perde[u] espaço para uma forma de comunicação baseada principalmente na plataforma digital e nela observa-se a participação interativa como a característica mais marcante do novo consumidor, conectado em rede, com acesso quase ilimitado à informação e elevado poder de decisão. Por isso, é preciso pensar a emergência de novas formas de produção de comunicação publicitária no mundo das redes sociais virtuais que ofereça condições de diálogo entre os centros produtores de publicidade e os atores sociais.

#### ***4.3.2 Cultura de Convergência***

Estamos em um momento de transição, onde percebemos o nascimento de uma nova mídia, onde o espectador desloca-se para o papel de participante, onde os cidadãos comuns passam a controlar as mídias e contar suas próprias narrativas. Estar nessa posição de controle é a essência da cultura de convergência. Este é o lugar onde tudo é exposto no maior número de mídias possíveis e leva em consideração tanto o automático ‘curtir’ da rede social que o jovem dá trancado em seu quarto, quanto as preferências das grandes organizações como um emaranhado de interesses onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis. Esta ideia abrange o conceito de cultura participativa de Jenkins (2009, p. 4), onde considera-se os espectadores como “interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo”. As velhas mídias não

morrerão, mas irão convergir e interagir umas com as outras e estas se dão muito bem. Por convergência, Jenkins (2009, p. 29) refere-se ao

fluxo de conteúdos através de múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando.

Por muito tempo consumíamos obrigatoriamente, enquanto grandes massas, o que as mídias nos traziam, entretanto, a realidade atual nos possibilita a escolha do que queremos consumir seja pela gama de meios de acesso dessas tecnologias, nos trazendo experiências diferentes de um mesmo produto ou encaminhadas pelo algoritmo. Jenkins (2009, p. 138) assinala que

uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor - a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. Cada acesso à franquia deve ser autônomo, para que não seja necessário ver o filme para gostar do filme, e vice-versa. Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo. A compreensão obtida por meio de diversas mídias sustenta uma profundidade de experiência que motiva mais consumo.

Podemos pensar neste trabalho, como as campanhas do Setembro Amarelo são veiculadas nas diferentes redes sociais ou até mesmo quais outras plataformas seriam viáveis durante a reprodução das mesmas.

Observamos ideias diferentes de cultura nos dois últimos tópicos: seja como uma arena de ideias retratada por Gramsci (2011) e reproduzida por Martín-Barbero (1997), seja como potência da diversidade, onde observamos grupos pequenos desafiando a imagem dominante da mídia que foi construída em suas vidas. Talvez, para aqueles que tem a justiça social em seu imaginário, o desejo é de que todos possam ter acesso a esses meios e que possam contar suas histórias, uns para os outros.

### ***4.3.3 O Sofrimento Psíquico no Contexto Neoliberal***

Iluminar as subjetividades dos indivíduos, significa também iluminar o contexto neoliberal em que ele está inserido. Observando as transformações do capitalismo ocorridas no Brasil, no período compreendido entre o final do século XX e início do século XXI, percebo os reflexos da implementação desse projeto global caracterizado por uma política de austeridade,



do distanciamento calculado do Estado de políticas econômicas, culturais, de saúde e sociais, de perda de direitos, combinados com interesses privados, do agronegócio, militares, conservadores e uma série de outros entrelaçamentos que concebem o neoliberalismo como uma nova política para o sofrimento, onde todas as áreas da ação humana são estruturadas ao modo de uma empresa, inclusive nosso modo de pensar; onde o sofrimento transforma-se em força produtiva, iniciando uma nova maneira de ser e estar no mundo, no trabalho, de produção, de nos relacionarmos uns com os outros, de nos comunicarmos e conseqüentemente, de narramos nossas próprias vidas. Dunker (2021, p. 219) mostra-nos esse entrelaçamento, ao dizer que

os articuladores do neoliberalismo no Brasil não deixariam de instrumentalizar seus discursos e práticas como modalidade de embasamento para uma concepção de subjetividade nacional que deveria ser combinada com flutuações políticas que vão desde uma democracia restrita em nome do nacionalismo, tutelada em face da segurança nacional ou expandida em nome do mercado.”

A inserção da economia brasileira no cenário mundial, teve seus desdobramentos ao longo da história. Como descrito acima, os anos 1990, sob o comando dos ex-presidentes Fernando Collor de Mello (1990-1992), Itamar Franco (1992-1995) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), os valores neoliberais norteiam as resoluções que viabilizaram o ingresso do Brasil na financeirização; este período de ajustes ficou conhecido como *ciclo de estabilização da economia*. Segundo Paulani (2012, p. 92), duas providências fundamentais foram necessárias:

(...) resolver o problema da dívida externa, o que foi conseguido através do atendimento às exigências dos credores e agências multilaterais, como a autorização para a securitização desses débitos, a abertura do mercado brasileiro de títulos privados e públicos e a abertura financeira da economia brasileira, com a retirada gradativa dos controles que obstaculizavam o livre fluxo internacional de capitais (...) e a estabilização monetária da economia: com taxas de inflação pouco civilizadas como as então existentes (...)

O início do século XXI foi palco para transformações políticas na América Latina, onde os governos progressistas anunciavam um novo ciclo. No Brasil, a “Era Lula” foi marcada por dois governos do presidente Luís Inácio Lula da Silva, que dá continuidade ao modelo de ajuste de FHC, porém dá enfoque também às políticas sociais, que acabaram transformando a configuração de consumo do país. Carvalho (2018, p. 25) afirma que “esse governo deflagra um amplo processo de políticas de enfrentamento da pobreza e, dessa forma, vai tecendo uma adesão passiva das massas”. O início do governo Dilma (Partido dos Trabalhadores) é marcado por um ensaio de afastamento dessa política de ajuste, com foco em um encaminhamento

político de vertente mais progressista, o que gerou descontentamento nos setores rentistas; aliado a isso, a grande mídia, a crise de 2008 e a recessão econômica mundial de 2011-2012, tornaram a reeleição da presidenta em 2014, desafiadora:

Em um cenário de acirramento da crise econômica e da crise política, com efetivo respaldo do congresso nacional e do poder judiciário, o apoio incondicional da grande mídia, as elites conservadoras deflagram o processo de *impeachment* da presidenta, sem a devida base legal. Trata-se de um golpe de Estado jurídico-parlamentar-midiático, a desencadear a implementação intensiva de políticas neoliberais, com o desmonte de direitos e recuos das políticas sociais (CARVALHO, 2018, p. 27).

A escrita desta dissertação, cujo caráter também é político, deu-se em um momento em que esperar e resistir caminharam juntos após o golpe de 2016, onde, desde então, as políticas públicas, dentre elas, as de saúde mental, viram-se aniquiladas cotidianamente, provocando, por muitas vezes, um sentimento de incredulidade e inércia diante de tamanha destruição, fazendo-me constatar que o conhecimento acompanha a dinâmica da história, pois vão se dando novas determinações, os objetos analisados, à parte, por uma ciência “perdem sua aparente naturalidade, convertendo-se assim em estados transitórios de um devir ininterrupto” (COUTINHO, 1994, p. 100).

Convido-lhes a entender aqui o neoliberalismo não apenas na sua esfera econômica, mas no seu modo operante de desenhar a existência (ou inexistência) dos sujeitos, uma política para o sofrimento psíquico e social.

Com efeito, o golpe de 2016 encarna, de forma nítida, o projeto das classes burguesas, vinculadas aos diferentes segmentos do capital, sobretudo o capital financeiro, em composições orgânicas com o capital vinculado ao neoextrativismo, nos circuitos do agronegócio. Nos percursos de consecutivos desmontes e desmanches no que podemos denominar Golpe 16, vem se rompendo a regulação democrática do capitalismo, conquistada nos processos de democratização, e irrompem dimensões de um capitalismo selvagem, sustentado por forças do capital. O país está a viver um momento peculiar da luta de classes, comum a preponderância das elites, a exigir resistências capazes de responder às pesadas investidas do poderio capitalista (CARVALHO; MILANEZ; GUERRA, 2018, p. 15).

A cultura começa então a responder a esse modo de funcionamento, compreendendo as mudanças nos nossos desejos e formas de linguagem, ao mudar também a relação que nós temos com o sofrimento. O modelo neoliberal não nos protege do sofrimento, pelo contrário, inocula sofrimento para que estejamos cada vez mais produzindo, consumindo e esvaziando de sentido as relações humanas, a comunicação e as artes. O poema de Torquato Neto, apresentado a seguir, já denunciava esse projeto de tristeza social:

#### Poema do Aviso Final

É preciso que haja alguma coisa  
 alimentando o meu povo;  
 uma vontade  
 uma certeza  
 uma qualquer esperança.  
 É preciso que alguma coisa atraia  
 a vida  
 ou tudo será posto de lado  
 e na procura da vida  
 a morte virá na frente  
 e abrirá caminhos.  
 É preciso que haja algum respeito,  
 ao menos um esboço  
 ou a dignidade humana se afirmará  
 a machadadas.

Safatle (2008) apresenta-nos, no conceito de insatisfação administrada, todo descontentamento transformado em valor (mercadoria) e diz que, “estamos diante de uma sociedade na qual os vínculos com os objetos (incluindo aqui os vínculos com a imagem de si) são frágeis, mas que, ao mesmo tempo, é capaz de alimentar-se dessa fragilidade” (p. 134).

As abordagens psicológicas trazem em si, visões acerca do suicídio com leituras cada vez mais contemporâneas acerca da subjetivação do discurso capitalista. Cabe salientar, aqui, que não se busca uma verdade sobre o suicídio, seja pelo campo da psicologia, da psiquiatria ou das políticas públicas, mas vale ressoar que do mesmo olhar que associa a configuração neoliberal ao aumento de casos de suicídio, parece ser um caminho extremamente tortuoso desconsiderar as configurações psicopolíticas (HAN, 2014) engendradas no suicídio.

#### ***4.3.4 Rede Cuca e o Olhar para a Juventude***

No campo das políticas públicas direcionadas à juventude, os atores políticos, aqui entendidos como formuladores da política, lançam um olhar imediato de preocupação para este setor, evitando, na maioria das vezes, compreender de forma mais profunda esta categoria, antes de formular ações destinadas à mesma. Abramo (1997, pp. 25-26) diz que

os grupos juvenis que atuam na esfera do comportamento e da cultura não têm sido considerados como possíveis interlocutores pelos atores políticos, salvo raras exceções seja por se apresentarem como muito difusos e com baixo grau de formalização, seja por levantarem questões não consideradas pertinentes para as agendas políticas em pauta.

A Rede Cuca é o resultado de Políticas Públicas voltadas para juventude, em programas sociais que são mantidos pela Prefeitura de Fortaleza, que buscam fomentar o protagonismo, a criatividade e a inclusão social de jovens com poucas condições de acesso, em um momento no qual as mudanças tecnológicas transformam as formas de comunicação e

promovem a sociabilização, visando realizar “atividades que fortalecem o protagonismo juvenil e realizam a promoção e garantia de direitos humanos” (FROTA e HOLANDA, 2017, p. 71).

O texto destaca ainda, como missão:

Democratizar o acesso à informação, aos bens e equipamentos culturais, artísticos e tecnológicos e oferecer oportunidades de capacitação nas áreas de cultura, esportes e arte de forma integrada, descentralizada e democrática, promovendo participação juvenil e proteção social (FROTA e HOLANDA, 2017, pp. 71-72).

Observar o cenário populacional de Fortaleza é necessário para que se entenda o contexto social que levou à criação da Rede Cuca. Atualmente, 30% dos 2.703.391 habitantes que compõem a população total do município de Fortaleza são jovens. A maior parte dessa considerável fatia populacional de quase 900.000 habitantes está concentrada nas áreas com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixo. Este indicador mede renda, expectativa de vida e escolaridade da população. Os Cucas estão localizados nos bairros Barra do Ceará, Mondubim Jangurussu, José Walter e Pici e há previsão de um próximo equipamento no bairro Vicente Pinzon. Em 2021, foram realizados na Rede Cuca mais de 600 mil atendimentos, sendo mais de 230 mil jovens atendidos (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2022).

São oferecidos, nos equipamentos, “cursos, práticas esportivas, difusão cultural, formações e produções na área de comunicação e atividades que fortalecem o protagonismo juvenil”, além de “eventos estratégicos, festivais, mostras, exposições e programação permanente de shows, espetáculos e cinema” (CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2022).

Alguns eventos ocorrem de forma sazonal, mas em virtude do contexto pandêmico, em 2021, só foram possíveis de acontecer:

- **Viradão da Juventude:** realizado em alusão ao dia internacional da juventude (12/08) onde são ofertadas atividade de forma ininterruptas por 24h, contou com mostras, webinar, lançamento de documentário, apresentação musical, competição de Cross Cuca, entre outras atividades. O acesso foi gratuito e aberto ao público em geral.

- **Academia ENEM:** curso gratuito ofertado pela Prefeitura de Fortaleza e “ voltado para a orientação e preparação de jovens estudantes, em especial os da rede pública de ensino, para o ingresso na educação superior por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e vestibulares em geral”. Foram ofertadas 200 vagas presenciais aos sábados e as aulas ocorreram entre 9h e 12h.

- **Olimpíadas da Juventude:** considerada a maior competição esportiva de Fortaleza que reuniu 2.400 jovens e contou com 35 modalidades, tais como: futsal, vôlei, capoeira, MMA,

basquete, handebol, futebol de areia, natação. Um dos principais objetivos da competição é incentivar os jovens a adotar um estilo de vida saudável por meio do esporte, assim como promover uma cultura de paz.

Entretanto não foi possível a realização de outros eventos presentes no calendário anual da Rede Cuca, mas que tiveram seu retorno em 2022:

- **Festival de música:** festival voltado para todos os estilos de música e tem como objetivo o “aprimoramento, o desenvolvimento e o incentivo aos jovens talentos da cultura musical cearense”. O evento foi dividido em 3 seletivas, reunindo 30 classificados para a disputa final que ocorreu em 03/12/2022.

- **Arraiá da Juventude:** festividade realizada em junho com competição e premiação das quadrilhas juninas participantes. Os arraiás foram realizados entre os dias 18 de junho e 06 de julho, reunindo aproximadamente 20 mil pessoas.

- **Juventude Sem Fronteiras:** Como estímulo para que os estudantes da Academia Enem completem o curso e atinjam um bom rendimento, a Prefeitura de Fortaleza oferece bolsas de intercâmbio de dois meses para que jovens da rede pública de ensino possam ter uma experiência de estudos e vivência internacional. Os estudantes com as melhores notas no Enem podem estudar durante oito semanas no país escolhido, com despesas pagas, ajuda de custo e atividades culturais programadas. O Programa teve o objetivo de selecionar 100 jovens entre 18 e 29 anos residentes de Fortaleza.

- **CopArena:** competição de futebol que envolve aproximadamente 500 equipes.

- **Semana do Grafite:** programação gratuita variada, que inclui oficinas, palestras e ações diretas de arte urbana.

- **Favela Arte Festival:** tem como objetivo valorizar e promover os talentos de jovens que residem no entorno dos CUCAS.

Previamente acordado com o coordenador do Programa Jovens Comunicadores, esta pesquisa ocorreu no Cuca José Walter, uma vez que esta atividade estava, neste ano, concentrada somente neste Cuca, em virtude da pandemia da covid-19.

Em 2021, estive pela primeira vez no recém-inaugurado CUCA do bairro José Walter para conversar com o coordenador do programa Jovens Comunicadores. Recordo com alegria da ansiedade desta data e da tamanha surpresa com a imensidão estrutural e de possibilidades que o equipamento oferecia, quando fui a ele apresentado. Para a minha surpresa, fui encaminhado para a sala onde estavam reunidos os jovens do programa Jovens Comunicadores e lá, acompanhei a atividade do dia que consistia em pensar acerca da campanha “Novembro Azul” e tive a oportunidade de falar acerca da pesquisa e convidá-los

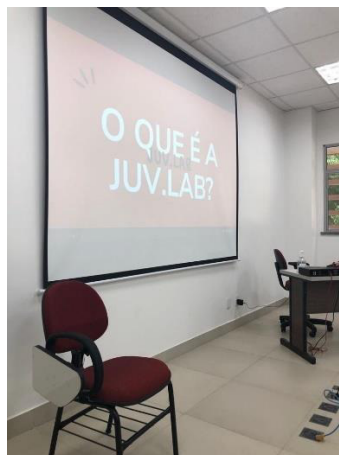
para participar da mesma. Houve um momento de apresentação de todos e, individualmente, cada um compartilhou as suas impressões acerca da temática da pesquisa e empregados, falaram da campanha, para muitos, desafiadora, do Setembro Amarelo que haviam elaborado recentemente.

Figura 10 – Cuca José  
Walter



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 11 – Reunião dos  
Jovens Comunicadores



Fonte: Arquivo pessoal.

Como já mencionado, os receptores participantes desse trabalho são os integrantes do Programa Jovens Comunicadores da Rede CUCA da Barra do Ceará, localizado no município de Fortaleza. Considerando o contexto pandêmico da covid-19, as aproximações com este público se deram em visitas semanais à rede Cuca, às quintas-feiras, um dos dias em que

ocorriam atividades do Programa Jovens comunicadores, tendo também contatos virtuais, uma vez que os responsáveis pelo grupo criaram um grupo no aplicativo *WhatsApp* para que pudéssemos organizar o cronograma de entrevistas com os jovens.

O Programa de Jovens Comunicadores é um laboratório criativo de produção de conteúdo, no qual os selecionados, por meio de edital, participam de vivências profissionais junto aos projetos na área de comunicação, desenvolvendo competências técnicas relacionadas à criação de formatos voltados às novas tecnologias de mídia, tendo como principais canais de difusão:

- **Juv.TV:** lançada em 21 de fevereiro de 2019, durante as comemorações do aniversário de 5 anos de existência da Rede Cuca, a Juv.TV, a WebTV da Rede. Com o objetivo de difundir conteúdos produzidos pelos jovens da cidade de Fortaleza, atuando como um laboratório de produção e formação em audiovisual, voltado à criação de novas narrativas sobre a juventude a Capital, a web TV possibilita aos jovens a vivência necessária para uma qualificação profissional.
- **Rádio escolas:** tem como finalidade ampliar as relações sociais, fortalecendo a expressão oral, verbal, criativa e cultural, bem como transformar o espaço da comunicação em ambiente educativo, que permita o acesso e a autonomia comunitária. Além disso, a iniciativa também visa trazer para a periferia de Fortaleza possibilidades e alternativas de aproveitamento cultural, através da realização de projetos e programas de comunicação, que tendem a promover, educar e fortalecer a cidadania.

Caracterizado como processo educativo em contexto de trabalho e desenvolvido de forma conjunta com integrantes da Diretoria de Formação, Esporte e Trabalho, por meio da Coordenação de Comunicação Comunitária, o programa Jovens Comunicadores reúne possibilidades de atrelar o conhecimento teórico às práticas de gestão, mobilização e liderança de coletivos de Jovens Comunicadores, bem como exercitar as rotinas produtivas da área nas atividades previstas no plano de trabalho. Tem ainda por missão (HOLANDA; FROTA, 2017):

- a) ampliar a participação dos Jovens Comunicadores nas atividades de ensino-aprendizagem da Rede Cuca, bem como fortalecer a mobilização e participação juvenil na comunicação e áreas correlatas.
- b) contribuir para a melhoria dos cursos, projetos, atividades e ações desenvolvidas pela Rede Cuca, compreendendo a comunicação como estratégia neste processo.
- c) desenvolver capacidades de análise e crítica, incentivando o jovem comunicador a adquirir novas competências, habilidades e hábitos de estudo no campo da comunicação.

d) criar e articular interfaces entre os projetos de comunicação e o mundo do trabalho.

Posteriormente às primeiras articulações, minha ida presencial ao CUCA José Walter passou a ter uma periodicidade semanal, às quintas-feiras. Houve um período inicial de adaptação quanto aos horários e acerca da minha presença nas salas onde os jovens e os técnicos de comunicação realizavam as suas atividades. Confesso que em alguns momentos tornou-se algo desafiante pois sentia um desconforto da profissional de comunicação que esteve à frente do grupo diante da minha observação, mudando um ritmo estabelecido antes da minha chegada. Tentei contornar a impressão disponibilizando-me a ajudá-la nos momentos em que a percebia com muitas atribuições para gerir sozinha.

E assim, fui gradativamente deixando de ser um estranho naquele contexto.



## 5 METODOLOGIA

O ponto de partida para o percurso metodológico desta pesquisa de avaliação qualitativa iniciou-se no contato com o Ministério Público do Ceará, para a disponibilização dos planos municipais de Prevenção do Suicídio de 52 municípios cearenses, incluindo a cidade de Fortaleza (ANEXO E). Este apanhado serviu para observar como os planos foram elaborados e verificar quais estratégias de comunicação foram propostas para a campanha do Setembro Amarelo. Observamos que estes municípios organizaram grupos de trabalho formados por profissionais das áreas da Saúde, Educação e Assistência Social de seus municípios na construção de seus planos, onde se elencaram as ações a serem desenvolvidas até o final do ano de 2021.

Simultaneamente, iniciei uma busca por artigos e livros de autores que nortearassem e costurassem este material coletado à minha observação cotidiana no contexto da pesquisa, inserido numa política pública, e ao arcabouço teórico que abrangesse as categorias centrais que esta pesquisa propõe. Essas leituras, como já escrevi anteriormente, contemplaram o enfoque comunicacional de Jesús Martín-Barbero, especialmente em sua obra-magna *Dos meios às mediações*, além de outros autores como Henry Jenkys em *Cultura de Convergência*, Wendy Brown em *Nas Ruínas do Neoliberalismo*, Paula Sibília em *O show do eu*, Raquel Paiva em *Mídia e Poder*, e interpretações de Antônio Gramsci por Carlos Nelson Coutinho e o próprio Martín-Barbero.

Realizei uma análise documental que incluiu leis, portarias, decretos, planos municipais de Prevenção do Suicídio, traçando a trajetória desta política para compreensão dos principais marcos regulatórios da Política de Prevenção ao Suicídio nos entes federados. É importante demarcar que não se trata de uma leitura meramente informativa, mas visou a ir além do texto, clarificando o contexto em que está circunscrito, identificando seus autores, interlocutores e intencionalidades dentro de uma determinada conjuntura política e social (GUSSI; OLIVEIRA, 2017). De forma semelhante, também foram analisados os planos, as resoluções, os relatórios, os cadernos utilizados em formações, as produções disponíveis nos canais oficiais e as redes sociais.

Saliento minha participação em cursos e eventos promovidos sobre a temática, dentre eles, o Seminário de Culminância do Planejamento estratégico do Vidas Preservadas para o ano de 2019, onde representantes dos municípios foram certificados pela elaboração de seus planos municipais, assistindo às *lives* promovidas pelo programa Vidas Preservadas em 2020, predominantemente sobre saúde mental e, em 2021, o lançamento do Programa Vidas

Preservadas: Saúde Mental e Prevenção ao Suicídio entre crianças e adolescentes, todos estes organizados pelo Ministério Público do Ceará.

Esta pesquisa foi submetida na Plataforma Brasil, sendo seu CAAE 60694522.7.0000.5054 e tendo o parecer aprovado sob nº 5.725.785.

## 5.1 Avaliação e Experiência

Percebo que, nas últimas décadas, com o crescimento das políticas sociais no Estado brasileiro, as avaliações precisaram ser repensadas, em virtude de uma emergência da sociedade civil e da estruturação do controle social. O processo de construção de conhecimentos, de problematização, de movimentação de teorias a fim de avaliar um problema dentro de uma política pública é o cerne dos paradigmas contemporâneos. Eles partem do pressuposto de que não existe neutralidade no campo da avaliação; portanto, contemplam como o pesquisador pode lidar com a compreensão que ele possui sobre a política e com o entendimento que têm os outros atores inseridos, fornecendo-lhes um sentido mais interpretativo da política. Desse modo, repensam a política dentro de um campo democrático de garantia de direitos. Segundo Cruz (2019, p. 168):

a questão central que se coloca é que as avaliações técnicas, ancoradas na lógica positivista, circunscrevem-se à busca de efeitos previstos, desconsiderando os não previstos, encarados como obstáculos a superar. Logo, tem-se pouco ou nenhum espaço para a crítica da própria política, uma vez que se consideram principalmente os elementos de sua formulação e os princípios norteadores. Outro ponto importante é o pressuposto de neutralidade que orienta o avaliador, resvalando em avaliações não comprometidas com noções de justiça social, emancipação e efetividade da democracia.

As constantes mudanças na idealização do Estado, trouxeram concomitantemente, transformações nas tipificações dos modelos de avaliação das políticas públicas: Sobrinho (2004) apresenta-nos os modelos objetivistas e subjetivistas; Guba e Lincoln (2011), esquematizam as avaliações em mensuração, descrição, juízo de valor e construtivista e Lejano (2012) nos modelos positivistas, pós-positivistas (críticas e construtivistas) e pós-construtivistas. É importante ressaltar que tais modelos não estão dispostos num espectro temporal, no sentido de superação, pelo contrário, apresentam-se simultaneamente aceitáveis. Nesse sentido, Fernandes e Esmeraldo (2012) dizem que podemos entender a avaliação como um jogo de forças da sociedade com o Estado, onde este cria estratégias para atender interesses dos mais diversos grupos.

Lejano (2012) entende o pós-construtivismo como um sentimento, não limitando-se ao conceito emocional, mas com um olhar mais abrangente da experiência. Entende-se que esta pesquisa se insere nesta vertente por não reduzir sua avaliação à política, à ciência, ou a uma ideologia de Estado, pretendendo ser mais próxima do real, captando a *multidimensionalidade* da experiência política, atento à *coerência* das ações na teia de relações tecendo o modelo de política como *experiência*, tal como proposto por Lejano (CITÓ; CAVALCANTE, 2020). Lejano propõe avaliar os modelos de política que vão além da hierárquica rigidez positivista, unindo texto e contexto e redesenhando o modelo tradicional de tipologia para topologias das avaliações: “Por topológico queremos dizer, simplesmente, conjuntos ilimitados que podem abranger várias dimensões e sobrepor-se uns aos outros em uma série complexa” (LEJANO, 2012, p. 262).

São apresentadas as topologias de racionalidade e das instituições. Na primeira, entende-se que não há apenas uma racionalidade avaliadora, mas múltiplos modelos que são simultaneamente reconhecidos. Por último, as instituições são vistas como *estruturas de cuidado*, cujo modelo “caracteriza melhor os sistemas de governança que dependem menos de estruturas burocráticas formais de autoridade, ou de associações voluntárias de atores atomistas, e mais de sistemas transacionais que existem em contextos em que atores políticos estão intrincadamente amarrados em relações ricas de cultura, história, afinidade e outros (LEJANO, 2012, p. 269).

Este trabalho de pesquisa exigiu do avaliador um agrupamento de conhecimentos, dotados de sentido para fins de análise, a partir de sua integralidade. Essa reunião partiu de um desconforto pessoal diante da forma como eram trabalhadas as campanhas do Setembro Amarelo em diferentes contextos de políticas públicas, os desdobramentos destas na experiência clínica deste psicólogo, minha inserção em grupos da rede social Facebook onde reuniam jovens que descreviam seus desejos pela morte e de forma desafiadora, a produção de um campanha autoral do Setembro Amarelo na minha rede social. Para tal, tive que dispor de estratégias que possibilitassem essa coleta como as narrativas pessoais (entrevistas, testemunhos etc.), análise documental, pesquisa participativa, técnicas de observação participante, dentre outros. Esse esforço configurou em uma matriz analítica que pretende abranger a Políticas de Prevenção e Posvenção do Suicídio, Teoria da Recepção da Comunicação, a Trajetória Institucional dessas políticas, aliado a elementos para análise do Estado Brasileiro. Olhando para essa perspectiva mais integral e complexa, veio a lembrança da foto (imagem abaixo) tirada na aula de Tópicos |Especiais em Avaliação de Políticas Públicas, ministrada pelos professores Cavalcante Junior e Andrea Pinheiro, neste programa de

pós-graduação, no dia 18/02/2020. Nela, abordávamos sobre a possibilidade da ciência nômade sob o questionamento de “Como o passado se reinventou no presente?” e os atravessamentos dessa fotografia possibilitaram rabiscar a metodologia dessa pesquisa. Avaliar políticas públicas condiz com um processo de natureza sócio-político e cultural. Dessa forma, entende-se avaliação como a construção de conhecimento e problematização de uma determinada política pública e conseqüentemente de produção de conhecimento.

Figura 12 – Árvore Inspiração



Fonte: Arquivo pessoal.

Visando ao estudo da experiência na recepção dos conteúdos comunicacionais apreendidos nas redes sociais por jovens (18 a 29 anos), escolhi os participantes do Programa Jovens Comunicadores da Rede CUCA como público a ser pesquisado, uma vez que a Rede Cuca é um ator listado na política como relevante para a disseminação das estratégias do Plano Municipal de Prevenção do Suicídio. Os conteúdos selecionados consistem nas campanhas divulgadas pelo Programa Vidas Preservadas nas suas redes sociais entre os anos de 2019 a 2021, como estratégia da campanha Setembro Amarelo, sendo uma em 2019 e em 2021 e duas em 2020.

## 5.2 Questionários

Em virtude do contexto pandêmico de covid-19, precisei fazer a aplicação de questionários através da plataforma Google Docs Formulário, a fim de levantar indicadores sociodemográficos que incluíam nome, e-mail, identidade de gênero, cor e/ou raça/etnia, bairro em que reside, idade, escolaridade, renda familiar, hobbies, exercício de atividade remunerada, e qual o dia e o horário na semana seria viável para a realização da entrevista com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A apresentação deste projeto aos jovens foi adiada por duas vezes, nos dias 4 e 18 de junho de 2021, em virtude de imprevistos na rotina da instituição. Ficou acordado, então, um encontro assim que a nova turma do programa Jovens Comunicadores estivesse formada, o que finalmente aconteceu em meados de agosto de 2021.

## 5.3 Entrevista Reflexiva

Adotei o método da Entrevista Reflexiva para a coleta de dados, utilizando a entrevista homônima como ferramenta, sendo esta desenvolvida em pesquisas qualitativas e definida por sua criadora como “um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas” (SZYMANSKI, 2018, p. 14). Entendendo que esses protagonistas são representados por entrevistador e entrevistado, e que tal conceito é o ponto de partida para a produção de conhecimento.

A reflexividade é a ferramenta que poderá auxiliar na construção de uma condição de horizontalidade [para] refletir sobre a fala de quem foi entrevistado, expressando a compreensão dada pelo entrevistador e submeter tal compreensão ao próprio entrevistado, o que é uma forma de aprimorar a fidedignidade (*Ibidem*, p. 15).

Nesta pesquisa, a entrevista reflexiva foi o principal instrumento de coleta de dados. Ao todo, 16 jovens foram ouvidos por meio de uma entrevista individual, que ocorreram em setembro de 2021, com duração média de 45 minutos, gravadas e transcritas no formato de vinhetas, via plataforma Google Meet.

A entrevista, segundo Banister *et al.* (1994, *apud* SZYMANSKI, 2018, p. 10), é um instrumento que “tem sido empregado em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significativos subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado”. Para Lakatos (1993, *ibidem*) o método possibilita ampliar a quantidade de conteúdo a ser investigado, incluindo opiniões, sentimentos,

planos de ação, condutas e motivações, sendo nesta pesquisa, incluídas as ressonâncias acerca das campanhas do Setembro Amarelo que serão posteriormente apresentadas. O método de entrevista reflexiva é semidirigido, com roteiro aberto, semelhante a um processo de conversação informal.

O contato inicial deu-se de forma cordial, onde houve uma apresentação da pesquisa, incluindo os interesses e as questões acerca da confidencialidade da mesma. Szymanski (2011) destaca a necessidade de disponibilizar um tempo para que sejam feitas perguntas e dúvidas sejam dirimidas acerca da pesquisa, assegurando ao entrevistado a compreensão sobre os objetivos propostos no estudo.

Na sequência, foi elaborada a questão desencadeadora como premissa básica para o diálogo com o entrevistado, sem perder de vista o tema central que se deseja estudar e, concomitantemente, ampliando-o para que o entrevistado escolha por onde deseja iniciar a sua reflexão.

A autora aconselha o pesquisador a formular a questão desencadeadora de diferentes maneiras, para em caso de necessidade, apresentar opções de compreensão para o entrevistado, sem se distanciar do objetivo da pesquisa.

Espera-se que o entrevistador compreenda o que diz o seu entrevistado e que tenha a capacidade de organização do que foi escutado, ou seja, que “esta compreensão tem um caráter descritivo e de síntese da informação recebida” (SZYMANSKI, 2011, p. 37). As sínteses dessas falas são realizadas pelo entrevistador, durante a entrevista, com o objetivo de comunicar ao entrevistado o que está sendo compreendido. Para a autora (ibidem, p. 44) esta “é uma forma de manter uma postura descritiva, além de buscar uma imersão no discurso do entrevistado”.

Criei uma apresentação de slides onde apresentei as imagens das campanhas do Setembro Amarelo veiculadas nos anos de 2019, 2020 e 2021 do programa Vida Preservadas e difundidas por equipamentos públicos da esfera municipal nas redes sociais.

**2019 - Campanha Recados Amarelos:** campanha que veiculava imagens de posts com frases motivacionais, em dias alternados, nas redes sociais.

Figura 13 – Campanha 2019: Recados Amarelos



Fonte: Instagram @vidaspreservadas.

**2020 - CAMPANHA REDE CUCA:** campanha em vídeo produzida pelo programa Jovens Comunicadores da Rede Cuca durante o isolamento social em virtude da pandemia do SARS-coV-2 e do *post* em alusão ao Dia Mundial de prevenção ao suicídio, em 10 de setembro.

Figura 14 – Campanha 2020



Fonte: Instagram @vidaspreservadas.

**2021 - CAMPANHA VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHO,** fazendo referência ao dia mundial de prevenção ao suicídio.

Figura 15 – Campanha 2021



Fonte: Instagram @vidaspreservadas.

A pergunta norteadora foi feita em cada lâmina apresentada e consistia em: **Ao olhar para esta campanha, o que ela te faz pensar, sentir ou lembrar?** Importante ressaltar que não se tratava de uma interpretação das mesmas, mas eu realmente queria saber quais sentimentos, sensações e/ou pensamentos eram evocados pelas imagens e pelo vídeo. Além da resposta à pergunta norteadora, os jovens traziam relatos pessoais, falavam os atravessamentos em relação as campanhas veiculadas nessa época, expunham diagnósticos de transtorno psiquiátricos e traziam, a partir de suas próprias experiências pessoais relatos que orientavam suas respostas.

Ao final, estas entrevistas foram transcritas em formato de vinhetas, compreendidas como um recurso de apresentação de dados em pesquisa qualitativa, que consiste na construção de cenas, reunindo em palavras as imagens observadas e as falas ouvidas pelo pesquisador, e a partir delas, foram criados os seguintes critérios para a análise dos dados coletados:

- **Subjetividade na análise:** uma vez que há um conhecimento prévio e experiência pessoal deste pesquisador sobre a temática, aliada a uma pré-condição de expectativa de resultados, considerando a subjetividade envolvida no processo de coleta de dados significa cuidado com o seu rigor (SZYMANSKI 2018).

- **Entrevista em contextos sociais:** ao selecionar a entrevista como seu procedimento de produção de dados, coube ao pesquisador estar atento não somente à fala de seu entrevistado, mas também ao meio que inclui múltiplos aspectos do ambiente físico e social, e, também, as interações que o entrevistado estabelece durante a entrevista, fato ocorrido desde



o primeiro contato com grupo e reafirmada durante a observação semanal do grupo (SZYMANSKI, 2018).

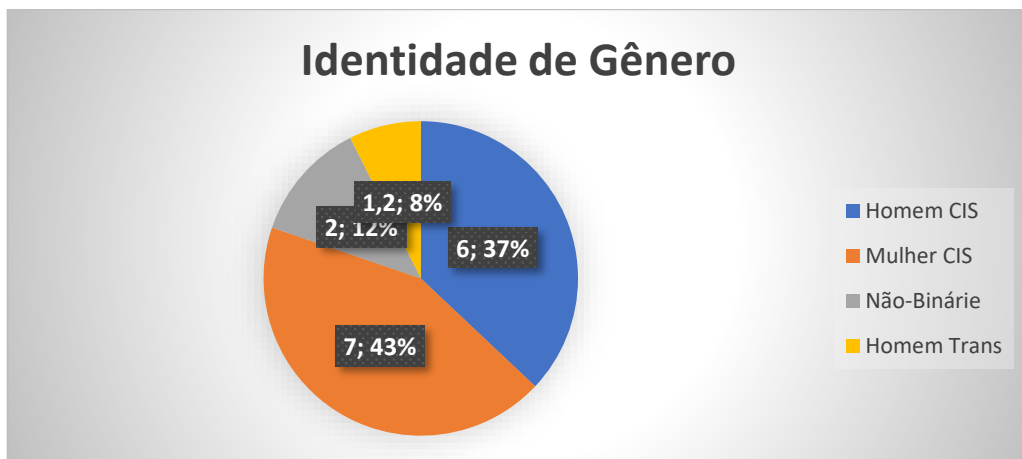
- **Categorização:** agrupei, segundo a minha percepção temática, conteúdos pertencentes a um mesmo tema, isto é, “concretiza a imersão do pesquisador nos dados e a sua forma particular de agrupá-los” (SZYMANSKI, 2018, p. 73).

#### 5.4 O Que Dizem os Jovens Comunicadores da Rede Cuca

Para termos um entendimento mais objetivo a respeito do grupo de Jovens Comunicadores do CUCA José Walter e visando reunir informações completas para a pesquisa, preparei um questionário que foi respondido pelos 16 jovens que aceitaram participar da pesquisa. Apesar de poder obter essas informações por intermédio de minha convivência semanal com eles, precisei documentar esta fase da pesquisa e isso foi feito por meio de um formulário no *Google Docs*. As questões abordavam a identificação (nome, idade e e-mail), identidade de gênero, cor e/ou raça/etnia, bairro em que reside, escolaridade, renda familiar, hobbies, exercício de atividade remunerada, e dia e horário na semana disponível para entrevista *on-line*.

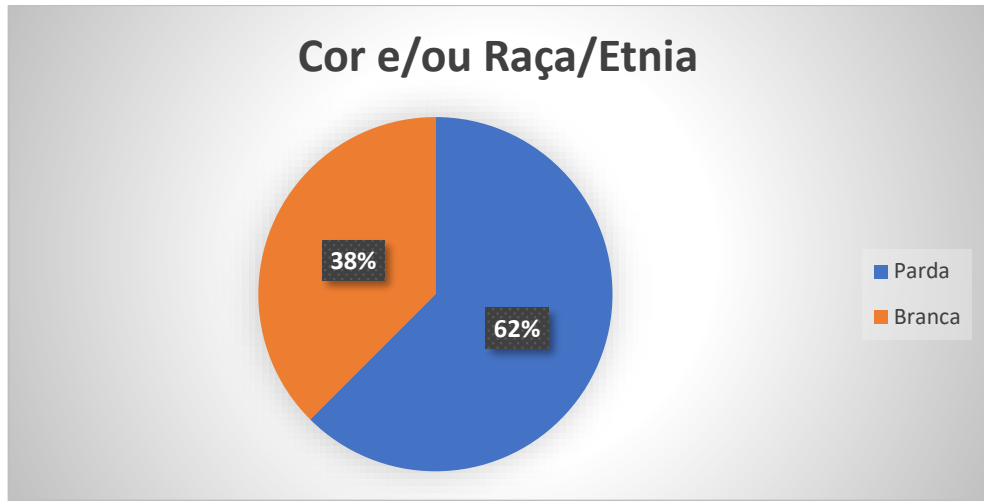
O resultado está disposto abaixo:

Gráfico 1 – Identidade de Gênero



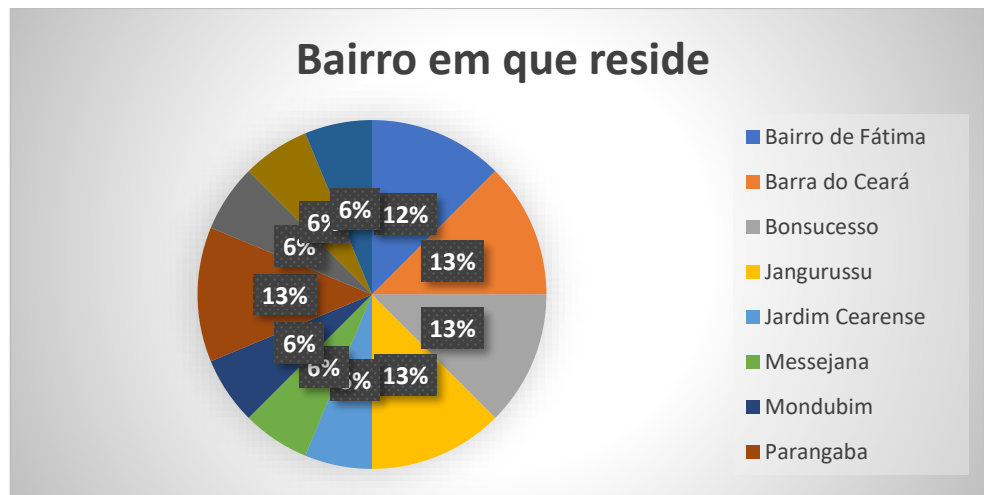
Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 2 – Cor e/ou Raça/Etnia



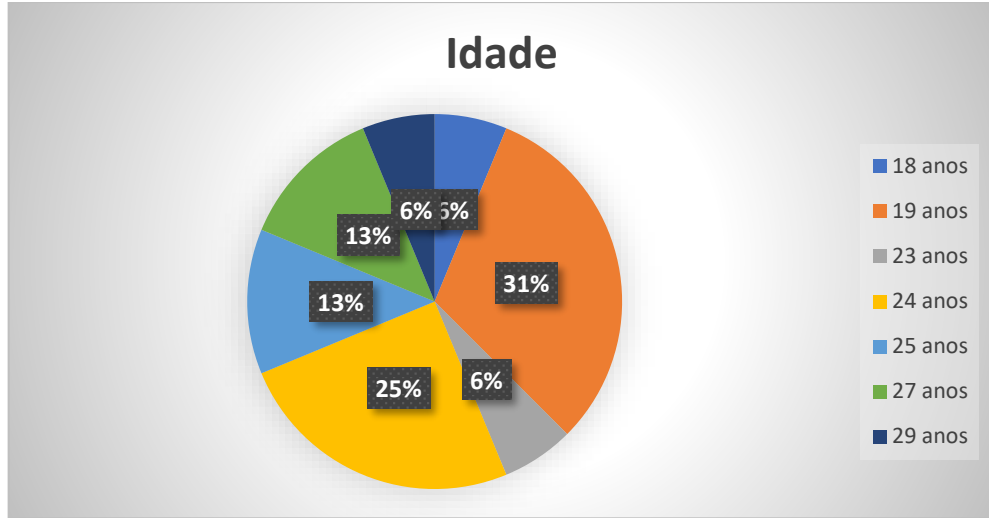
Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 3 – Bairro em que reside



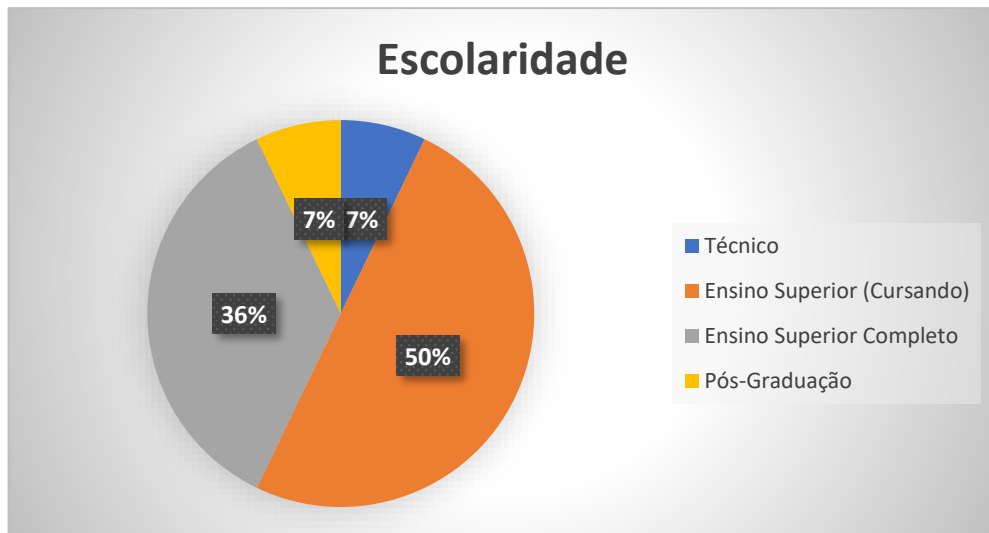
Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 4 – Idade



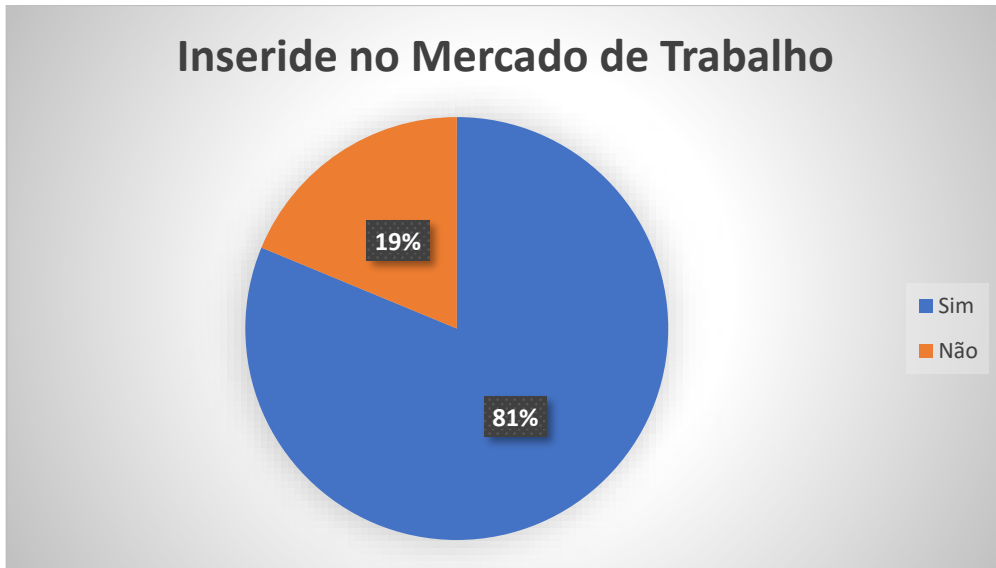
Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 5 – Escolaridade



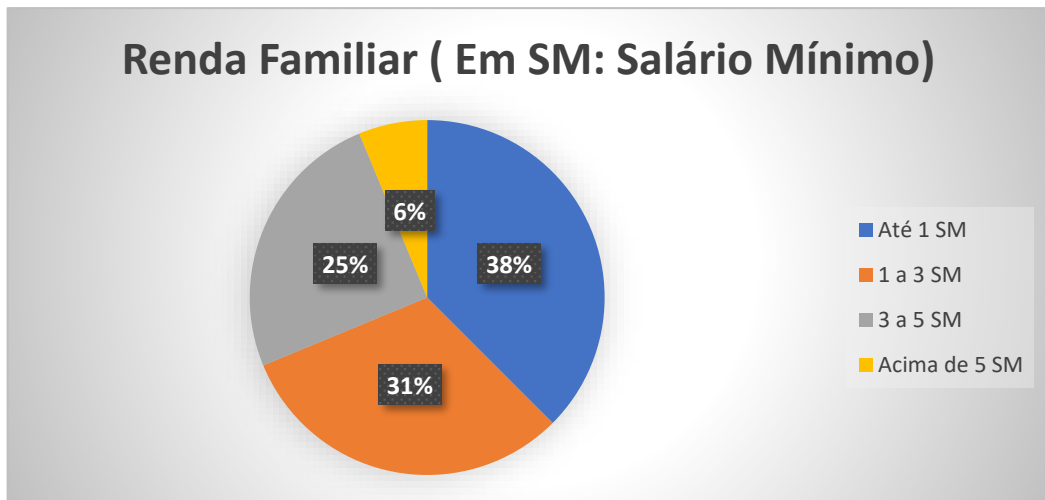
Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 6 – Mercado de Trabalho



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 7 – Renda Familiar



Fonte: Elaborado pelo autor.

Informações básicas como as demonstradas acima acabam quebrando alguns estereótipos que permeiam no imaginário acerca dos usuários que frequentam o CUCA, como por exemplo o fato de nenhum dos participantes da pesquisa residir no bairro José Walter, onde está instalado o equipamento da Rede Cuca. Nesse questionário auto declaratório, o grupo se configura com uma certa diversidade acerca da identidade de gênero, em sua maioria pardos e brancos, com idades que variam dos 18 aos 29 anos e renda familiar variando entre 1 e 5 salários-mínimos, residentes em diferentes bairros da capital, que vão além das comunidades

ao redor dos centros culturais, em diferentes níveis de formação educacional e em sua maioria, inseridos no mercado de trabalho.

Criei um grupo no aplicativo WhatsApp com os jovens e os técnicos para que facilitasse nossa comunicação e para que pudéssemos organizar o cronograma das entrevistas pela plataforma Google Meet. Na data acertada individualmente, gerei um link para o acesso e o enviei de modo privado ao entrevistado. As entrevistas tiveram uma duração em média de 40 minutos e foi acordado, que ao final, os jovens se atribuíssem pseudônimos para que não fossem identificados para preservação dos seus anonimatos. Adiante, veremos as vinhetas produzidas a partir das 16 entrevistas realizadas, organizadas na forma de uma cena.

### **Nós, por exemplo (Gilberto Gil)**

Nós somos apenas vozes  
 Nós somos apenas nós  
 Por exemplo  
 Apenas vozes da voz  
 Somos nós, por exemplo  
 Apenas vozes da voz

Nós somos apenas vozes  
 Ecos imprecisos do que for preciso  
 Impreciso agora  
 Impreciso tão preciso amanhã  
 Nós, por exemplo, já temos Iansã  
 Nós, por exemplo, já temos Iansã

Nós somos apenas vozes  
 Nós somos apenas  
 Nós, por exemplo  
 Apenas vozes da voz  
 Somos nós, por exemplo  
 Apenas vozes da voz

Nós somos apenas vozes  
 Do que quer que seja luz no cor-de-rosa  
 Cor na luz da brasa  
 Gás no que sustenta a asa no ar  
 Nós, por exemplo, queremos cantar  
 Nós, por exemplo, queremos cantar

Nós somos apenas vozes  
 Nós somos apenas nós  
 Por exemplo  
 Apenas vozes da voz  
 Somos nós, por exemplo  
 Apenas vozes da voz

Nós somos apenas vozes  
 Do que foi chamado de "a grande expansão"  
 Pé no chão da fé  
 Fé no céu aberto da imensidão  
 Nós, por exemplo, com muita paixão

Nós, por exemplo, com muita paixão

Nós somos apenas vozes

Nós somos apenas

Nós, por exemplo

Apenas vozes da voz

Somos nós, por exemplo

Apenas vozes da voz

## 6 PODE SER NO CEARÁ OU EM QUALQUER LUGAR

Era 10 de setembro na pacata cidade de 16 mil habitantes no interior cearense. A movimentação havia começado por volta das 5h da manhã da quinta-feira, pois era o único dia da feira na cidade, era o dia das “coisa boa da Ceasa e das bananas da serra”, dia em que a cidade ficava um “frivião” até a hora do almoço. Paralela à rua principal, eram montadas as barraquinhas de madeira onde os vendedores expunham os seus peixes frescos, frutas, verduras, temperos, as conhecidas “roupas da feira” e as mais diversas possibilidades que só aquele dia oferecia. Tinha até umas moças com blusas decotadas de tecido *chamois*, reconhecidas facilmente pela colônia de fragrância doce, convidando rapazes e senhores para um banho.

Os carros de horário, abarrotados de gente vindo das localidades do município, chegavam e estacionavam na praça. O pagamento já garantia a ida e a volta e o motorista já anunciava no desembarque: “Vamo embora 11h30 em ponto, porque eu quero almoçar em casa!”. E ninguém era doido de perder. Afinal de contas, só ia ter outro carro no fim da tarde.

Aquela manhã era toda fracionada e nada poderia dar errado, pois era o dia de resolver problema no banco, sacar o benefício na lotérica, comer bruaca com café na banquinha da praça, ir ao mercantil grande comprar uns fardos, fazer a feira, prosear e ainda tentar a sorte para quem sonhou com a cobra. Parecia até impossível, mas dava tempo que sobrava.

A prefeitura da cidade também aguardava a quinta-feira para se aparecer mais do que devia. Era o dia de ser visto. O prefeito não cansava de dizer: “Quem num é visto, num é lembrado!”.

Neste dia eram marcadas as festividades, desfiles, vacina, eventos em praça pública, tudo porque era o dia em que o povo ia ver o trabalho que estava sendo realizado. E hoje ia ter um evento grande e muito importante. Era o evento do mês!

Todas as secretarias do município se uniram em torno de uma causa muito importante: era o Setembro Amarelo!

Falar de suicídio era tabu dos grandes na cidade insuportavelmente católica. “Não tem nem missa para quem faz um negócio desses”, dizem muitos. Ou ainda: “Vixe Maria! Mas nem devia falar dessas coisas...”.

Hoje vai ter um desfile para mostrar a importância da vida e as professoras já haviam dito que era apaisano, mas era para ir de amarelo para ficar bem bonito! Aos poucos, crianças, adolescentes, adultos e o pessoal da prefeitura iam se acomodando no centro da praça pois era de lá que sairá a passeata. Balões e lacinhos amarelos eram os adereços do evento do

mês. E não poderia faltar aquela selfie para colocar no *Instagram* da prefeitura, afinal: Sua Vida Importa!

Jesuíto, o radialista local, logo aparece para fazer a cobertura do evento. Ele faz a cobertura para passar no jornal do meio-dia, pois lá as pessoas escutam enquanto almoçam. E, para esse ano, ele tinha uma missão importante: perguntar aos jovens o que eles pensavam sobre as campanhas do programa Vidas Preservadas, do Ministério público do Ceará, dos três últimos anos, pois a prefeitura já estava prestes a sofrer sanções legais se não aderisse ao programa.

Enquanto todos se organizavam para o começo das entrevistas, aleatoriamente Jesuíto selecionou e convidou alguns jovens para que pudessem ajudá-lo na função para a qual foi designado no dia.

Bem posicionado, o nosso radialista já estava com o lacinho amarelo no bolso da camisa de botão, prestes a dar início.

Luana, a primeira entrevistada, disse que não sabia da campanha, pois achava que era mais voltada para o pessoal que já estava na faculdade, mas vendo as imagens dos *posts*, disse que achou legal, mas sentiu falta de orientação acerca da rede de atendimento: “Acho que faltou a indicação dos locais onde as pessoas possam ir buscar atendimento, para onde elas possam pedir algum tipo de ajuda”. Ela lembra, também, que é importante tocar no assunto durante o ano inteiro, não somente no mês de setembro.

Figura 16 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 1



Fonte: Autoria própria.

Para a surpresa do repórter, Matias revelou ter depressão e ansiedade e disse que acha essa campanha era “vaga e pra mim nunca fez muito sentido essas campanhas e pessoalmente nunca me tocou”. Joselito exaltou a campanha Recados Amarelos dizendo o



quanto era legal e o rapaz de 23 anos retrucou: “um pedaço de papel com frases não muda em nada, pois não são diretas”. Como uma última tentativa, o radialista apresentou no seu próprio celular, o vídeo produzido em parceria da Rede Cuca com o programa do MP, que teve uma boa aceitação do jovem. Ele diz que a campanha traz problemas reais como o sofrimento causado pelas cobranças da sociedade que a personagem do vídeo vivencia e como estes são tratados de forma empática e suas chances de enfrentá-lo; sugere que os produtores de campanhas saibam primeiro o que causa o sofrimento nas pessoas, antes de criar uma campanha dessas, “isso geraria empatia”.

Figura 17 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 2



Fonte: Autoria própria.

Assim como Matias, Tommy também confia ter depressão e diz: “a campanha de 2019, pela época, me incomoda muito como uma pessoa que tem depressão, é uma daquelas campanhas só sobre falar”. Segundo o jovem, as pessoas que pensam em se matar necessitam de apoio psicológico e não apenas de força, “pois são camadas muito mais pesadas me incomoda muito como uma pessoa que tem depressão, é uma daquelas campanhas só sobre falar” e que a campanha “é bonita, mas não acha efetiva”. Enfatizou que a campanha deve abranger todas as pessoas, independentemente de terem depressão, havendo uma sensibilização para a temática pois “existem profissionais da saúde que não possuem um olhar mais humanizado: “existem profissionais da saúde que não estão bem preparados, é muito sobre lidar com a existência dessas pessoas, porque se a gente quer manter o povo vivo, a gente tem que reconhecer que eles existem”.

Esse reconhecimento foi esclarecido por Tommy quando enumera fatores que podem levar um indivíduo à depressão e isto não ser entendido pela sociedade:

como se uma taxa de desemprego não pesasse numa causa psicológica, como se o preço dos alimentos não pesasse, como se a violência não pesasse, mas são coisas que adoecem, é como se o racismo, a transfobia e a homofobia não pesassem no fator psicológico, é uma estrutura que adoece.

Ele finaliza destacando que a campanha simplifica um cuidado individual, mas “a gente faz parte de uma sociedade que nos adoce”. Em relação à campanha de 2020, ele diz que se identificou mais, pois “foca mais na pressão do ‘ter que’ e isso faz parte de um processo adoecedor”, principalmente na vivência de uma pessoa jovem, enfatizando a necessidade do cuidado no apoio ao outro, uma vez que vínculos como a família e amigos podem ser mais adoecedores: “não podemos colocar nas pessoas esse peso”, ressaltou, além de chamar a atenção para a falta de indicações de serviços especializados para as pessoas que sofrem.

Tommy fez uma comparação com as campanhas anteriores e a campanha de 2021 foi considerada por ele como a mais incompleta. Sugeriu que as próximas campanhas trouxessem indicações de serviços especializados gratuitos e o “reconhecimento de que as pessoas não adoecem sozinhas” e mencionou a sua experiência como uma pessoa trans que é vista como uma pessoa agressiva pelo olhar do outro: “[parece que] o erro tá na gente e não nas coisas que a gente passa”, enaltecendo a necessidade do olhar para a população negra e LGBTQIA+. Falou, também, que a campanha produzida pela Rede Cuca, em 2021, teve o diferencial de ter considerado os próprios relatos dos jovens, como ponto de partida para a sua criação.

Figura 18 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 3



Fonte: Autoria própria.

A fala forte de Tommy fez o radialista lembrar-se de um poema de Maria Carolina de Jesus e de uma exposição que ele teve e a oportunidade de visitar no Instituto Moreira Sales, em São Paulo:

**Humanidade**  
(Carolina de Jesus)

Depois de conhecer a humanidade  
suas perversidades  
suas ambições  
Eu fui envelhecendo  
E perdendo  
as ilusões  
o que predomina é a  
maldade  
porque a bondade:  
Ninguém pratica  
Humanidade ambiciosa  
E gananciosa  
Que quer ficar rica!  
Quando eu morrer...  
Não quero renascer  
é horrível, suportar a humanidade  
Que tem aparência nobre  
Que encobre  
As pesimas qualidades

Notei que o ente humano  
É perverso, é tirano  
Egoísta interesseiros  
Mas trata com cortêzia  
Mas tudo é hipocrisia  
São rudes, e trapaceiros

Figura 19 – Exposição Carolina de Jesus



Fonte: Arquivo pessoal.

Na sequência das entrevistas, a campanha Recados Amarelos fez Rita sentir-se acolhida, com a mesma sensação de cuidado quando “alguém lembra de perguntar como foi seu dia” e destacou o seu recado preferido: “Tome um tempo para cuidar de você!”, segundo ela, “a gente subestima isso, como se não fosse algo importante”.

Em relação à campanha de 2020, a postagem foi interessante pelo fato de trazer essa mensagem do olhar para si, porém, segundo sua vivência com pessoas que tem depressão, ela não acredita que elas estejam atrás de uma solução e sim, de um amparo. Sobre o vídeo, ela disse que está legal, porque trouxe a temática da sobrecarga e das expectativas e das falhas.

Rita ressaltou o amparo mencionado anteriormente, na campanha de 2021, porém disse “que parece um pouco sozinha”, mesmo considerando que também aconteceram *lives* no período. Ela finalizou dizendo que seria interessante que “as pessoas que se encaixem nesse público se sentissem bem com a mensagem, que aquilo era pra elas, e não como uma coisa só por fazer”.

Figura 20 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 4



Fonte: Autoria própria.

Victor afirmou ter achado a campanha Recados Amarelos interessante pois as mensagens motivacionais são de “afeto e carinho”, destacando o fato da cor utilizada nos bilhetes remeterem ao Setembro Amarelo e a sua veiculação em dias alternados e que a complementariedade com um vídeo “talvez entregando os *post-its* para as pessoas demonstrando essa relação de afeto”. Acredita que a incerteza da pandemia em relação a saúde física e mental da população foi uma das causas da mudança no formato da campanha de 2020, destacando frases que sugerem as cobranças do dia a dia, causadoras de pressão psicológica nos indivíduos que afetam a saúde mental e desencadeiam crises psicológicas e existenciais; e que a imagem do post do Vidas Preservadas remete à valorização da vida, uma vez que “a vida é a coisa mais importante do ser humano e que tem que ser valorizada”.

Para Victor, a frase *Você não está sozinho* é “um slogan de muita potência para este tipo de campanha”, exaltando a importância dos vínculos em momentos de dificuldade. Destacou a imagem com a mão preta como um símbolo de inclusão, trazendo diversidade para uma campanha importante, mesmo que não seja o foco desta. Falou sobre a necessidade da campanha ser direcionada para o público adulto, pois acredita ser mais difícil de acessá-la e tomou seu pai como exemplo, que considera a procura por um serviço psicológico como sinal de fraqueza. Victor participou da campanha da Rede Cuca de 2021 e partiu da premissa de que produziria conteúdos que ele se sentisse contemplado, relatou que o grupo teve uma liberdade de ideias, mas que evitasse abordar o tema de uma forma pesada, “falando do suicídio em si” e

não usando termos como “fulano se suicidou” ou “fulano tirou a própria vida”, pois acreditavam ser gatilho para as pessoas.

Figura 21 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 5



Fonte: Autoria própria.

As respostas dos jovens pareciam mexer com o radialista Jesuíto, que, a princípio, não conseguia relacioná-las com a campanha. Para ele, o suicídio era algo tão distante da sua realidade, até que ele começou a perceber que “o buraco era mais embaixo”, como ele disse. Seguiu procurando mais respostas, para que o tema se tornasse mais compreensivo.

Talita começou dizendo estar com sentimento dúbio em relação à campanha Recados Amarelos, pois diz gostar de algumas mensagens, mas confessa sentir falta de profissionais da saúde mental na elaboração destas; entende que os profissionais da Publicidade não têm todo o conhecimento necessário para a produção do conteúdo a ser informado, principalmente, pelo fato de ser difundida pelo Ministério Público havendo a necessidade de uma mobilização para o que a campanha estimula. Segundo ela, “se fosse uma empresa privada eu não dizia nada porque empresa privada só faz aquele *postzinho* e acabou”.

O recado *Um passo de cada vez* foi norteador para a sua reflexão: “um passo de cada vez para uma pessoa cujos pais podem dar um ano sabático é uma coisa” e lembrou da experiência dela e de uma colega de turma, enquanto estavam no Ensino Médio, que sofria de depressão. A diferença entre as duas era o fato de que Talita era bolsista e “a única opção era passar, não podia ficar um ano em casa cuidando da minha saúde mental”.

Ela acredita que as frases não atingem a maior parte da população pois terapia, boa alimentação, acesso à cultura, esportes são inacessíveis considerando a realidade brasileira. A campanha de 2020 foi considerada melhor em virtude da orientação para ajuda especializada e

partindo de sua experiência pessoal, fez críticas às frases motivacionais questionando-as: “Obrigada, mas o que eu farei com essa informação agora?”.

Segundo ela, as campanhas de 2020 trazem um caráter meritocrático ao sugerirem que “se você se esforçar mais, você sai da depressão”. Ao ser apresentada à campanha de 2021, Talita ironizou (“Caiu, hein?”) e sugeriu que as campanhas tragam cartilhas informativas, direcionamentos assertivos para equipamentos de saúde mental e que sejam sensíveis às causas sociais que causam sofrimento psicológico, como o vídeo produzido pela Rede Cuca em 2021, que informa, foi idealizado por ela.

Figura 22 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 6



Fonte: Autoria própria.

Luana considerou importante as mensagens da campanha Recados Amarelos, mas pessoalmente disse sentir-se “frígida” em relação aos mesmos, tais como *Vai ficar tudo bem ou Você consegue* e sugeriu encaminhamentos para lugares de apoio, pois do jeito que está parece “muito abstrato”. A campanha de 2020 foi considerada delicada e importante por falar da necessidade da rede de apoio. Já a campanha de 2021 foi considerada direta e segundo Luana, “funciona sozinha”.

Figura 23 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 7



Fonte: Autoria própria.

Tom Lopes diz sentir “uma sensação de carinho” ao ser apresentado à campanha de 2019, mas fica receoso pelo fato de não aparecerem rostos e pela falta de representatividade, uma vez que as mãos que aparecem segurando os bilhetes “são todas de pessoas brancas”. Quanto à campanha de 2020, o jovem afirma ter gostado, mas considerou poucas peças, passando uma ideia de “vamos fazer porque tem que fazer”, uma espécie de *check-list*, fato que lhe incomoda e que mantivessem a campanha para além do mês de setembro: “poderia rolar o ano inteiro, pois as pessoas não pensam em se matar só em setembro”. Finalizou dizendo ter gostado da campanha de 2021, pois ela traz a representatividade nas mãos e o toque foi simbólico em virtude do momento em que a campanha de vacinação da covid-19 começava a lograr êxito.



Figura 24 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 8



Fonte: Autoria própria.

A cor amarela foi primordial para que Liz lembrasse prontamente do Setembro Amarelo ao ser apresentada à campanha de 2019: “ela está muito enraizada”. Para ela os *post-its* passam uma sensação de cuidado. A única alteração que ela faria seria colocar em um muro branco para que houvesse uma maior abrangência. Quanto à campanha de 2020, Liz disse que as cores utilizadas também fazem alusão à campanha, mas o vídeo sozinho a deixou em dúvidas se estava abordando a campanha ou seria um vídeo de autoajuda. Finalizou fazendo um comparativo da campanha de 2021 com as anteriores e enfatizou que “das três é a que está mais explícita” e percebeu o fato de serem duas mãos de cores diferentes, fato considerado muito bom, uma vez que “atingiu duas informações na campanha: falou não só do suicídio, mas também do preconceito”.

Figura 25 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 9



Fonte: Autoria própria.

Mateus falou que gostou da campanha de 2019, pois é atrativa uma vez que “brinca muito com a tipografia”. Sobre a campanha de 2020, afirmou que não conhecia e que a mesma “criou um ponto de identificação muito rápido”, no tocante ao imediatismo e à cobrança que são impostas aos jovens na atualidade. Relatou que as campanhas precisam ser mais difundidas pois ele mesmo conhecia pessoas que estavam no vídeo, mas não conhecia a campanha: “faltou mais divulgação”. A campanha de 2021 caiu de qualidade, para ele, por causa do estereótipo mencionado por outros entrevistados, passando a sensação de que “é uma coisa que já vi várias outras vezes e é sempre a mesma coisa”.

Figura 26 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 10



Fonte: Autoria própria.

Yuri relatou gostar da campanha de 2019, mas observou a falta de algum contato onde as pessoas pudessem recorrer para procurar ajuda, como o número do CVV, por exemplo. Quanto à campanha de 2020, ele disse que ela passa uma sensação de “apoio, amizade, companheirismo, autoestima, solidariedade” e que a campanha contempla o que foi proposto de uma forma bem simples. Finalizou observando a campanha de 2021 e relatou “um sentimento parecido com as outras pessoas: apoio, conforto, segurança, ajuda, solidariedade”. Sobre as campanhas de um modo geral, Yuri sugeriu que elas contextualizassem mais a realidade de quem as recebe, de modo que ao olhar, “as pessoas percebam que aquilo ali é pra ela e o que que ela deve fazer”, sugerindo que tragam orientações de como procurar ajuda efetivamente.

Figura 27 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 11



Fonte: Autoria própria.

Sophia gostou bastante da campanha de 2019, mas revelou sua preferência por um formato presencial, pois “quanto mais humanizado tornar, é melhor”, referindo-se a falta de pessoas entregando os recados para outras e revelou sentir falta dos direcionamentos para atendimentos especializados. Salientou o salto positivo da campanha de 2020 em relação à anterior, teceu críticas aos equipamentos (públicos e privados) que fazem campanha de forma mais simplória, segundo ela “soltam frases de impacto e colocam para rodar”; ressaltou o vídeo apresentado questionando “se conseguira fazer isso em uma pandemia, por que não conseguiram fazer na outra?” e destacou o fato de o mesmo ter trazido a importância da rede de apoio.

Para Sophia, as *lives* fortaleceram a estratégia da campanha e com relação à campanha de 2021, ela teve a sensação de que “começa a desandar de novo”, tanto pelo contato presente na imagem em período pandêmico quanto à sensação de que em 2020 havia uma preocupação com a saúde mental por conta do momento em que estávamos vivenciando, vindo a enfraquecer em 2021.

Figura 28 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 12



Fonte: Autoria própria.

Percy lançou um olhar técnico para as campanhas e gostou da de 2019, principalmente dos destaques que algumas palavras tiveram pois “vão se organizando no cérebro”. Quanto à campanha de 2020, revelou que o vídeo é “bem emotivo e faz parar para pensar”, referindo-se às cobranças impostas aos jovens e que o post “está bem organizado, não está poluído e bem objetivo”. Finalizou afirmando gostar da campanha de 2021, porém mudaria “a fonte e colocaria em preto e branco” e sugeriu que as campanhas do Setembro Amarelo trouxessem indicações de filmes e que não se limitassem ao mês de setembro.

Figura 29 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 13



Fonte: Autoria própria.

Maria Tereza viu na campanha de 2019 “afeto e empatia pela dor do outro” e sugeriu que repassassem os recadinhos em locais públicos, junto com a divulgação de locais para atendimento especializado. Quanto à campanha de 2020, destacou que transmite uma mensagem de apoio e destaca o fato dela “já trazer uma alternativa, uma forma de melhorar”, referindo-se à procura por um profissional de saúde. A campanha de 2021 revelou para ela a “união, apoio e a ideia de empatia, de que você não está sozinho”.

Figura 30 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 14



Fonte: Autoria própria.

Ao ser apresentada à campanha de 2019, Isabel diz: “acho fofo, mas não sei até que ponto é efetiva se tratando de saúde mental”. Ela destaca algumas frases como *Vai ficar tudo*

*bem* como generalistas estimulando um “otimismo cego” e considera uma campanha “micro” vindo de um órgão governamental (público). Quanto à campanha de 2020, disse ser “bem mais completa” pois trouxe uma abordagem mais identitária. A campanha de 2021 foi vista como “um padrão aceitável, não necessariamente efetiva, mas marca”.

Figura 31 – Balões com respostas dos entrevistados:  
sequência 15



Fonte: Autoria própria.

Para Lourenço, as campanhas de 2019 e 2020 revelam “empatia, algo primordial para essa campanha, palavras de conforto que tentam passar tranquilidade para as pessoas”. Ressaltou que o vídeo (2020) trouxe falas necessárias, pois a maioria das pessoas não sabem lidar bem com a temática. Para a campanha de 2021, questionou “Eu posso ser sincero?”. Logo em seguida, disse ser “bem mais fraca” e que não tinha os mesmos sentimentos em relação às anteriores e finalizou: “o que vai fazer a pessoa realmente perceber que ela não está só?”.

Figura 32 – Balões com respostas dos entrevistados: sequência 16



Fonte: A autoria própria.

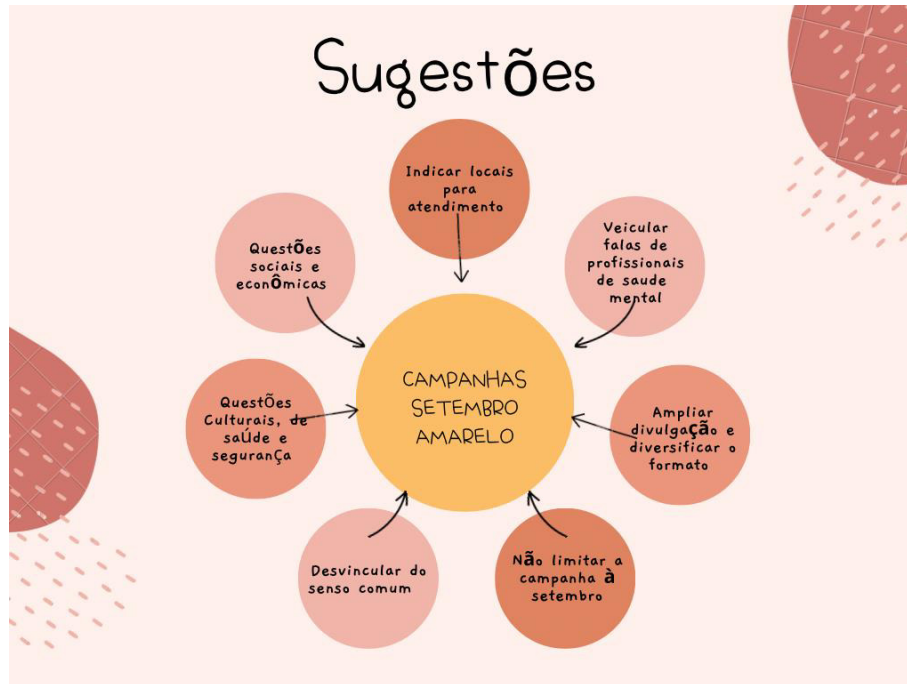
Após os diferentes modos de pensar sobre as campanhas, Jesuíto já percebia que não era só depressão que matava seus conterrâneos e que, também, o suicídio não era nada de “frescura”, como costumava ouvir naquela localidade. Terminou com a certeza de que ouvir a juventude tinha transformado o seu dia e seu modo de pensar sobre o tema. Ainda não tinha clareza do que levava uma pessoa ao suicídio, mas os seus pensamentos sobre o assunto se transformaram bastante.

Mas, em sendo uma pessoa comprometida com a mudança na qualidade da Comunicação, Jesuíto resolveu perguntar aos jovens sobre o que eles sentiram falta nas campanhas do Setembro Amarelo e quais as mudanças que eles próprios fariam em criações futuras.

De todos, Jesuíto ouviu uma sugestão que foi unânime: 1) indicar locais para atendimento das pessoas em sofrimento psicológico, uma vez que nenhum das campanhas apresentadas apontava caminhos. Além desta, ele reuniu outras sugestões: 2) ampliação da campanha para o ano inteiro; 3) Criar campanhas direcionadas a todos os públicos, e tendo isso em vista, ter uma maior possibilidade de formatos e de divulgação dos conteúdos; 4) realizar campanhas com a orientação de profissionais de saúde mental especializados no assunto, para que sejam mais esclarecedoras e que abordem uma variedade maior de fatores desencadeadores do sofrimento humano, para além dos transtornos mentais.

Para deixar claro a todos, em um telão instalado na praça, o repórter Jesuíto apresentou o que os jovens gostariam de ver nas campanhas seguintes do Setembro Amarelo:

Figura 33 – Sugestões para campanhas Setembro Amarelo



Fonte: Elaborado pelo autor.

Das falas que Jesuíto escutou, esta ficou ressoando em seus ouvidos, quando a Luana sugeriu que as campanhas do Setembro Amarelo devem compreender que,

Existem as várias realidades das pessoas que passam pela questão do suicídio, cada um tem um motivo diferente e um sofrimento não é maior ou menor que o outro, então é necessário que a campanha do Setembro Amarelo aborde questões de segurança, culturais, econômicas, porque isso tudo acaba influenciando nas subjetividade das pessoas.

Ele também se lembra do sentimento de indignação de Liz, quando dizia que “as empresas estão muito no automático. Ah! É Setembro Amarelo, posta aí qualquer coisa! Não tem a preocupação de ver quem é teu público, é só mesmo pra postar, muitas não fazem nenhuma programação, é um post e pronto”.

Lembrou do sentimento semelhante de Lourenço, quando dizia que as campanhas passam a sensação de “vamos fazer só para não passar em branco, para não falar que não fizemos ou não nos importamos”. Lourenço considerou inútil o simbolismo do lacinho amarelo, vazio de qualquer significado sobre o suicídio e que há falhas nos conteúdos sobre o assunto que são comunicados nas campanhas.

Jesuíto estava inundado de inquietações com as várias entrevistas reunidas neste longo dia dedicado à conscientização sobre o Setembro Amarelo. Agora era hora de cada um retornar para as suas casas, enquanto pensavam nos balões amarelos que levavam nas mãos e



os lacinhos presos às suas roupas: para que mesmo eles serviam? Na pergunta residia a tomada de consciência para o primeiro passo de mudança sobre a abordagem do tema que ocupa as campanhas anuais no Brasil.

## 7 BAT MACUMBA<sup>6</sup>

As políticas públicas têm como características responder às necessidades da sociedade. Podem ser conceituadas como instrumentos de execução de programas baseados na intervenção estatal na sociedade com a finalidade de garantir igualdade de oportunidades, tendo por sentido assegurar as condições de uma existência digna aos cidadãos (APPIO, 2006).

Pensando para além de um sentido normativo, especificamente focado na Política de Prevenção ao Suicídio, podemos observar que os marcos legais instituídos entre os anos de 2005 a 2016 acompanharam a perspectiva da temática do suicídio como uma questão de Saúde Pública. Entretanto, em virtude do contexto político brasileiro nos anos seguintes, especificamente após o golpe político que resultou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff e a instabilidade política e econômica do país, poucas ações tiveram continuidade durante o governo de Michel Temer, no ano de 2017, até chegarmos à sanção da Lei que instituiu a Política Nacional de Prevenção ao Suicídio em 2019, no governo do presidente Jair Messias Bolsonaro.

É oportuno dar visibilidade para algumas modificações estruturais e simbólicas desta política a partir do momento em que vai se instaurando, aos poucos, as políticas familiares na agenda pública do país, ocupando espaços que segundo o Ministério da Família, Mulher e Direitos Humanos (2019) não podem ser contestados por outras instituições sociais. O protagonismo deste Ministério, enquanto estrutura articuladora desta política, faz com que o suicídio se vincule a um fundamentalismo moral norteado por valores neoliberais e conservadores onde estas políticas se circunscrevem, sendo entendidas por:

As relações familiares, alvo primordial das políticas familiares, remetem a referências simbólicas e vínculos que se explicitam apenas em parte, pois dependem da intensidade com a qual seus membros recorrem a eles, estabelecendo uma ‘solidariedade identitária’ dentro do circuito que diz respeito às relações entre diferentes gerações e aos vínculos de aliança que conectam pessoas originárias de outras famílias. Deste modo, a família estabelece e regula mediações entre indivíduo e sociedade, e, ao mesmo tempo, distingue-se a ponto de constituir uma subjetividade singular. A família é uma relação social cuja identidade se baseia nas seguintes dimensões: a intencionalidade de agregar ou reunir pessoas em torno de seus membros; a sexualidade do casal; a reciprocidade das relações; e o dom. (MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS, 2019)

---

<sup>6</sup> Bat Macumba, canção de Gilberto Gil e Caetano Veloso, foi escolhida por ser múltipla, tanto visual como semântica, alinhando-se às discussões desenvolvidas nesta pesquisa.

Brown (2019) entende a instauração dessas políticas como um modelo de privatização, não de ordem econômica neoliberal, mas de familiarização e cristianização, realizada pela esfera pessoal e protegida, burlando a democracia por meio de valores morais antidemocráticos.

Como desdobramento desta política familiar, foi lançada em 2020, durante a campanha do Setembro Amarelo, a cartilha *Acolha a Vida: Porque a Vida vale a pena* (BRASIL, 2020) abordando o tema com orientações para as famílias, sendo que neste último não há referências da rede de apoio para os devidos encaminhamentos, como a RAPS (Rede de Atenção Psicossocial).

Figura 34 – Campanha Acolha a Vida



Fonte: Site do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos.

Foi instituída também a portaria N° 3.174, que cria o projeto *Reconecte* com o objetivo de realizar ações de fortalecimento das relações familiares por meio do uso adequado das novas tecnologias, abordando aspectos sociais, educacionais, de saúde física e psíquica e de segurança cibernética. Estas ações serão operacionalizadas por profissionais da área da Educação, do Sistema Único de Saúde (SUS), do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), líderes religiosos e comunitários, conselheiros tutelares, órgãos e instituições interessadas no tema.

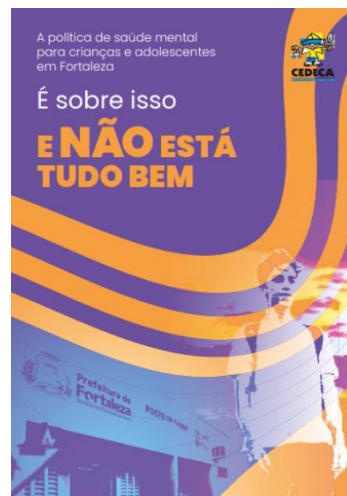
É válido destacar e observar como os conselhos tutelares adentraram estrategicamente na arena política, a contar da última eleição para a escolha dos seus membros, ocorrida em 2019. Segundo Betim (2019), em matéria publicada na página eletrônica do *El País*, o embate entre representantes das igrejas católica e evangélica foi abraçado publicamente

pelas instituições religiosas com o intuito de influenciar as políticas voltadas para crianças e adolescentes. Um ano depois, Alessi (2020), no mesmo veículo de comunicação, apresenta-nos os primeiros dados do novo perfil destes conselheiros, precisamente no eixo Rio-São Paulo, onde mais da metade de seus membros são vinculados às igrejas neopentecostais, ocupando espaços que antes eram ligados às pessoas vinculadas aos movimentos sociais na luta por garantia de direitos. Em âmbito local, houve um alinhamento a esta tendência, onde representantes políticos apoiados pela Igreja Universal e partidos de esquerda conseguiram eleger 65% dos novos conselheiros tutelares fortalezenses (WELMA, 2019).

Em Fortaleza, as campanhas publicitárias do Ministério Público do Ceará, nas redes sociais, foram incorporadas pelas redes sociais dos equipamentos vinculados ao Plano Municipal. Em 2019, a campanha denominada Recados Amarelos trazia nos dias ímpares do mês de setembro, imagens e mensagens com frases que reportavam ao tema. Além disso, outras ações do plano foram contempladas naquele ano, como a divulgação da cartilha: *Suicídio, Saber, Agir e Prevenir*, seminários e campanhas de valorização de culturas de paz. Em 2020, houve uma diminuição considerável da quantidade de peças publicitárias publicadas nas redes sociais. Percebemos que no contexto municipal, a Política de Prevenção ao Suicídio manteve-se vinculada à Política de Promoção da Saúde, prezando pela intersetorialidade e considerando o suicídio como sendo um problema de Saúde Pública. Por outro lado, infelizmente, constatamos o desmonte na Política Nacional de Saúde Mental.

Segundo o jornal O Povo, em um levantamento realizado pelo Centro de Defesa das Crianças e dos Adolescentes (CEDECA-CE), o orçamento previsto pelo Plano Plurianual (PPA) com vigência dos anos 2018-2021, destinado à política de saúde mental municipal, incluindo a implementação de CAPS, foi de R\$ 37,1 milhões. Entretanto, houve uma redução de 83,86% para o PPA definido para 2022-2025, onde são previstos R\$ 6 milhões. Cabe ressaltar que dos R\$ 2 milhões destinados ao ano de 2022, mais nenhum real do orçamento foi executado. Recentemente o CEDECA, no Ceará, lançou o monitoramento da política de saúde mental de Fortaleza com ênfase em crianças e adolescentes – “É sobre isso e NÃO está tudo bem” – realizado entre maio e julho de 2021, exercendo o controle social enquanto sociedade civil, visando à satisfação de necessidades básicas da população, enquanto garantia de direitos, fazendo do atendimento de necessidades, um direito do cidadão e um dever do Estado.

Figura 35 – Cartaz da Cedeca



Fonte: Site Cedeca.

Constatamos que, desde o golpe de 2016, as políticas públicas vêm sofrendo retrocessos, seja por sua extinção ou por sua reformulação, adequando-se aos interesses do capital e aos valores que a sustentam. A dificuldade de construir uma contra hegemonia a este modelo vigente, dá-se por não haver mais espaços de disputa ideológica, os partidos e os sindicatos deixaram de se posicionar, perdendo as suas potências questionadoras, haja visto que se encontram enfraquecidos e desestabilizados enquanto organizações coletivas. Isso faz com que sejam valorados os atores políticos individuais e, não mais, na sua representação partidária detentora de causas e de interesses comuns.

## 8 EXISTIRMOS, A QUE SE DESTINA

A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) há bastante tempo conclama a atenção para a multifatorialidade do suicídio e elenca os 4 Ds na sua discussão sobre a complexidade deste fenômeno:

- depressão;
- desamparo;
- desesperança;
- desespero.

Além da depressão, amplamente contemplada nos estudos atuais, existem 3 outros fatores importantes, para os quais não se tem dado a devida atenção.

Por que não conseguimos mais esperar? Por que não conseguimos mais esperarçar? Por que não se consegue mais ter apoio e suporte coletivos? É necessário que estejamos conscientes que esses três últimos Ds foram drasticamente ampliados nos últimos 4 anos em nosso país, sendo preciso olharmos para esses fatores para pensarmos, coletivamente, o que precisará ser feito enquanto sociedade que ampara, organiza a esperança e faz com que as pessoas desfrutem plenamente do tempo das suas existências.

Uma alternativa que se aponta é o de criar espaços para que essas existências sejam narradas desde a sua concepção primeira até a construção de suas identidades. Inúmeros modos e meios narrativos estão disponíveis na literatura, na poesia, no cordel, nas clínicas psicoterápicas, nas escolas, nas universidades e nos grupos de amigos. Espaços onde se possa narrar quem se é ou quem se desejar ser, as expectativas criadas sobre o Eu, compartilhando os sentimentos da solidão e do medo no mundo contemporâneo, ouvindo sobre as confusões mentais diante de imposições e escolhas que induzem pessoas a grandes crises emocionais.

Segundo Carl Rogers (1997), os indivíduos não se movem a partir de um ponto fixo ou de uma homeostase para um novo ponto de fixidez, embora este também seja um processo possível; mas o contínuo mais significativo é o que vai da fixidez para a fluidez, da estrutura rígida àquela que se entrega ao fluxo da própria existência, como um rio que segue o seu curso livremente.

A sociedade neoliberal não permite que tenhamos mais tempo para pensarmos sobre a vida que estamos vivendo. Fomos roubados do tempo da reflexão e estamos todos sendo impulsionados à adoção das mesmas velocidades das máquinas. Cada vez mais, “tempo é dinheiro” e, assim, muitos se entregam à *uberização* das suas existências.

Abílio (2017) compreende a uberização como um novo tipo de gestão e controle da força do trabalho, também entendida como uma tendência passível de se generalizar no âmbito das relações de trabalho. Ela consiste em produzir mais em um menor período: é preciso ter pressa. No contexto atual, o que demanda de nós estarmos produzindo constantemente, como sinônimo de eficiência, qual é o tempo que nos resta para pensarmos em nossas existências, no estilo de vida que estamos vivendo?

Estamos caminhando para uma sociedade de existências avulsas, como os sacos plásticos que seguem voando sozinhos mundo afora, cultivando uma ilusão de que as redes sociais e os aplicativos de comunicação nos aproximam e nos fazem “amigos”. Abro um parêntese aqui, para refletir sobre um comportamento que não encontro em Teresina e que me intriga muito no cotidiano cearense: trata-se do “deixar na portaria”. Esta é geralmente uma orientação entre amigos ou conhecidos, que necessitam entregar alguma encomenda um para o outro. Talvez por gostar muito de gente, apesar de muitas vezes não transparecer esse gostar em virtude de minha introversão, sempre me pergunto por que as pessoas não fazem um mínimo de esforço para se encontrarem, se abraçarem, trocarem ideias e, por fim, entregarem pessoalmente as suas encomendas. Parece-me algo tão banal, mas que para mim sempre simbolizou um momento mínimo de vinculação e de expressão de afeto por quem gostamos. Talvez, precisemos assumir o compromisso de criarmos espaços para juntar as pessoas não somente fisicamente, mas por enlaces afetivos.

A rapidez do sistema socioeconômico que parece consumir a todos e tudo o que dele deságua sobre nós, tem gerado cada vez mais os sentimentos de solidão, de ansiedade, de ausência de amigos, de vínculos por interesse, do cansaço e das frustrações; tudo isso em nome de nos tornarmos sujeitos produtores do neoliberalismo, modelo societário que tem por valores a eficiência, a eficácia e o auto desempenho. O resultado é o sentimento de esgotamento, compreendido como sinônimo de fracasso que atribui ao indivíduo, a única responsabilidade por sua condição fracassada. Em uma análise entre o sofrimento psíquico e o sofrimento social, cabe-nos a seguinte compreensão:

Os indivíduos participam muito estreitamente à vida da sociedade para que ela possa ficar doente sem que eles sejam tocados. De seu sofrimento advém necessariamente o sofrimento deles. Como ela é o todo, o mal que ela sente se comunica às partes que lhe compõem (DURKHEIM, 2000 *apud* SAFATLE, 2020, p. 14).

A vida coletiva tem depositado toda a responsabilidade sobre um Eu individual, onde todo o seu sucesso ou o seu fracasso é mérito de um, e não, de um coletivo, o que faz gerar

vazios de sentido e uma profunda crise de valores, desencadeando no sofrimento humano. O dinheiro, então, passou a ser o único gerador simbólico de valores, cujas formas de relação e de subjetividade dão-se por suprimento de necessidades materiais, levando-nos a produzir, a desejar e a comprar, cada vez mais.

Recapitulando o início desta dissertação, no qual falei sobre *como a matéria vida era tão fina*, agora somada à reflexão sobre as experiências dos Jovens Comunicadores durante a pesquisa, pergunto-me sobre quais são fios são necessários para a sustentação da vida. Nossa tendência tem sido olhar para o fio que resta, o fio fino e frágil da vida individual e acabamos esquecendo de olhar para os fios que já se romperam e quais deles ainda podem ser reconectados. A partir do momento em que esses jovens lançaram olhares sobre as campanhas do Setembro Amarelo, eles falaram sobre os seus laços vitais rompidos e sobre aqueles que ainda os sustentam. Como vimos, as mensagens das campanhas foram recebidas de diferentes maneiras, pois cada resposta projetou a individualidade de cada participante. Neste percurso, algumas identificações são comuns a todos – o reconhecimento do que faz doer –, ao modo particular de cada um(a): racismo, homofobia, transtornos psiquiátricos, questões sociais, econômicas e políticas. Todas elas trouxeram um novo olhar na forma de encarar a receptividade dessa comunicação que trata, de forma breve, simplista e genérica, de algo tão grande e particular: o sofrimento humano.

Em síntese, tivemos a compreensão de que é necessário, nas campanhas do Setembro Amarelo, serem trabalhados os seguintes conteúdos e abordagens do tema:

- Depressão é uma doença e necessita de acompanhamento psiquiátrico e psicológico. No entanto, nem toda tristeza é uma forma de depressão. Compreender a tristeza como sentimento inerente à condição humana é necessário. Abordar a naturalidade do binômio alegria-tristeza é conteúdo viável para as campanhas. Apresentar diretório de serviços de psiquiatria e psicologia é indispensável, priorizando os equipamentos públicos.
- Desamparo é uma condição da sociedade cada vez mais individualista que predomina no neoliberalismo contemporâneo. Incentivar a grupalização de pessoas é conteúdo viável para as campanhas, além de apresentar diretórios de opções de atividades coletivas desenvolvidas por equipamentos públicos e projetos gratuitos promovidos por universidades e a sociedade civil, tais como grupos de convivência, esportes coletivos, clubes de leitura, atividades de terapias ocupacionais, dentre outros.



- Desespero é um sentimento gerado pela urgência do tempo contemporâneo, a capacidade de esperar tem sido diminuída e as relações temporais se tornaram imediatistas. Veicular conteúdo sobre a relação saudável com o tempo, incentivando o uso consciente e moderado das redes de aplicativos digitais, é contribuição importante das campanhas.
- Desesperança é um estado de incapacidade de projeção de visão de futuro. Alimentar os valores que incentivam as capacidades de imaginação e do sonho por dias melhores, mediante a cobrança de engajamento do sistema público na garantia de direitos mínimos e indispensáveis ao bem-estar social, é abordagem importante das campanhas para a construção coletiva das condições necessárias à prevenção do suicídio em políticas públicas.

Coube-me, enquanto avaliador de políticas públicas, compreender a tessitura social a partir de um objeto de estudo, neste caso, o suicídio, lançando um olhar analítico sobre uma Política Pública de Prevenção do Suicídio, que se insere dentro da dinâmica das relações sociais, políticas e econômicas de uma nação. Ao concluir esta trajetória, ensejo que os apontamentos apresentados ao longo destas dezenas de páginas, lancem alternativas para os executores do poder público no que concerne aos desafios do binômio vida-morte, sobretudo à sociedade civil, para que a partir da adoção de posturas reflexivas sobre os fios da vida que estamos tecendo juntos e juntas para viver, possamos criar alternativas em cenários que fortaleçam a matéria tão fina e frágil que é a vida.

#### **Lembrança do tempo que não houve (Torquato Neto)**

A minha juventude já não é. Foi  
 coisa que passou tão de repente que em nada me  
 marcou  
 nem fez nascer de mim lembranças e saudades.  
 Não lhe vi o nascimento. Talvez que num enterro  
 que há dias me cruzou no meu caminho  
 sem que eu soubesse do defunto ou dos parentes  
 ela também passasse, não sei. Minha juventude,  
 não a  
 [tive.  
 Apodreci depressa e faltam-me o relógio e o braço  
 e os  
 [olhos.

As coisas andam más, não sei, prossigo em diante  
 sem poder fazer voltar atrás o tempo  
 sem vontade de esperar o tempo  
 completamente sem coragem de cortar o fio.

Nas minhas mãos suporto a vida

a que desci. Chamaram-me Torquato, aceitei.  
 Fizera-me criança, homem, coisa: nada fiz.  
 O meu pavor é como se não fosse  
 a solidão do próprio homem acrescentada nessa  
 angústia  
 [que é só minha.

Talvez mentira deste tempo tresloucado  
 ou mais uma visão sem pé nem rumo: no desespero  
 em si  
 eu divisei finalidade para este novo sentimento  
 obliquamente repousado em mim. Não sei de  
 nada,  
 nada sou – que posso ser? Uma agonia a mais a  
 debater-se  
 nas paredes do mundo? Mais uma frustração  
 nessa batalha?  
 Apenas sei que nada mais devolvo  
 à vida. Nem mais peço do que a hora  
 em que definitivamente poderei viver do meu  
 vazio.  
 Não mereci do bom, rejeito o meio termo.  
 Apodreço sem sentir,  
 nada mais sinto, estou em pedra. Não me consome  
 o fogo,  
 não me derrota a água, não existo. Não me faz em  
 sombra o sol.  
 EU NÃO EXISTO. Não penso coisa alguma.  
 – Je ne pense pas, donc, je ne suis pas.

A minha juventude não foi. Foi álcool evaporado de  
 repente  
 que subiu aos infernos e ficou por lá  
 acorçado à frente do pai diabo – e eu nada sei.

-Torquato Neto (Rio de Janeiro, janeiro de 1963)

## REFERÊNCIAS

- ABÍLIO Ludmila C. Uberização: subsunção real da viração. **Passa palavra**, 19 fev. 2017. Disponível em: <https://passapalavra.info/2017/02/110685/>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação: Juventude e Contemporaneidade**, 6, 1997, p. 27-28.
- ALESSI, Gil. **Igrejas evangélicas neopentecostais dominam conselhos tutelares em São Paulo e no Rio**, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-15/igrejas-evangelicas-neopentecostais-dominam-conselhos-tutelares-em-sao-paulo-e-no-rio.html>. Acesso em: 31 dez. 2020
- APPIO, Eduardo. **Controle judicial das políticas públicas no Brasil**. Curitiba: Juruá, 2006.
- BETIM, Felipe. **Eleições para o Conselho Tutelar tornam-se o novo campo de batalha do Brasil polarizado**, 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/04/politica/1570214548\\_733114.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/04/politica/1570214548_733114.html). Acesso em: 31 jan. 2020.
- BOTEGA, Neury José. Suicídio: saindo da sombra em direção a um plano nacional de prevenção. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 29, 1, 2007, p. 7-8.
- BOTEGA, Neury José. Comportamento suicida: epidemiologia. **Psicologia USP**, 25 (3), 2014, p. 231-236.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Org.). **Mediação & Mídiação**. Salvador: COMPÓS-EDUFBA, 2012, p. 31-52.
- BRASIL. **Agenda de Ações Estratégicas para a Vigilância e Prevenção do Suicídio e Promoção da Saúde no Brasil (2017-2020)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017, 35p.
- BRASIL. Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos. **Acolha a Vida**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/acolha-a-vida>. Acesso em :31 dez. 2020.
- BRASIL. Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos. **Políticas de Prevenção**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/acolha-a-vida/politicas-de-prevencao>. Acesso em: 30 dez. 2020.
- BRASIL. Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos. **Portaria nº 3.174**, de 10 de dezembro de 2020. Institui o Projeto-piloto Reconecte, no âmbito do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-3.174-de-10-de-dezembro-de-2020-293532615>. Acesso em: 28 dez. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Banco de dados do Sistema Único de Saúde – DATASUS**. Informações de Saúde, Sistema de Informações sobre Mortalidade. Disponível em <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=060701>. Acesso em: 23 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS nº 1.876**, de 14 de agosto de 2006. Institui Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio a ser implantadas em todas as unidades federadas. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/687743/pg65-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-15-08-2006>. Acesso em: 18 dez. 2020.

BRASIL. **Prevenção do Suicídio**: Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental. Brasília/DF: Ministério da saúde, 2006, 76 p.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

Gramsci, Antonio. **Cadernos do cárcere**, volume 2. 2. ed. Edição de Carlos Nelson Coutinho. Coedição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA. Disponível em: <https://www.cmfor.ce.gov.br/2022/11/23/conjunto-palmeiras-recebe-diversos-servicos-e-atividades-gratuitas-com-o-projeto-cuca-na-comunidade/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

CARNOY, M. **Estado e Teoria política**. 2. ed. Tradução de Equipe PUCCAMP. Campinas: Papyrus, 1988.

CARVALHO, João Henrique Dourado de. **A Publicidade nas Redes Sociais e a Geração Y**: A emergência de novas formas de comunicação publicitária. 2011. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Belo Horizonte/MG, 7 a 9/6/2018. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/panam/pdf/GT2\\_Art8\\_Joao.pdf](https://www.ipea.gov.br/panam/pdf/GT2_Art8_Joao.pdf). Acesso em: 20 dez. 2020.

CAVALCANTE JUNIOR, Francisco Silva. Correndo sol a pino: a sina do menino infeliz. *In*: CAVALCANTE JUNIOR, Francisco Silva (org.). **Tempo-sol**. Curitiba: CRV, 2022.

CITÓ, Renan Brasil Cavalcante; CAVALCANTE JUNIOR, Francisco Silva. Intensidades públicas na cartografia infinita: apontamentos de avaliação rizomática de políticas públicas. *In*: CAVALCANTE JUNIOR, Francisco Silva (org.). **Infinito e escrita experimental**. Curitiba: CRV, 2020.

COUTINHO, Carlos Nelson. **De Rousseau a Gramsci**: ensaios de teoria política. São Paulo: Boitempo, 2011.

COUTINHO, Eduardo Granja. Gramsci: a comunicação como política. *In*: COUTINHO, Eduardo Granja; FILHO; João Freire; PAIVA; Raquel (orgs.). **Mídia e Poder**: ideologia, discurso e subjetividade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

DUARTE, Ana Maria S. de Araújo; SALOMÃO, Waly. **Torquato Neto**: Os últimos dias de paupéria. 2. ed. São Paulo: Max Limonad, 1982.

DRAVET, Florence; PASQUIER, Florent; COLLADO, Javier; CASTRO, Gustavo (org.). **Transdisciplinaridade e educação do futuro**. Brasília: Cátedra UNESCO de Juventude. Educação e Sociedade; Universidade de Brasília, 2019.

GADINI, Sérgio Luiz; PISMEL, Matheus Lobo. O conceito de hegemonia em “Dos Meios às Mediações”, de Martín-Barbero. **Ação Midiática: Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura/Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Comunicação**, n. 13 (Jan./Jul. 2017), 2017, 33-51.

GRAMSCI, Antonio. **Odeio os indiferentes**: escritos de 1917. Seleção, tradução e aparato crítico de Daniela Mussi, Alvaro Bianchi. São Paulo: Boitempo, 2020.

GUSSI, A. F.; OLIVEIRA, B. R. Discutindo paradigmas contra-hegemônicos de avaliação de políticas públicas. *In: Anais do Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas*, Brasília, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**: em busca de um outro tempo. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis/RJ: Vozes, 2021.

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo. Edições Loyola, 2004.

HOLANDA, Sâmia Cristiane Moura da Conceição; FROTA, Francisco Horácio da Silva. Os Jovens do Cuca Jangurussu. **Conhecer**: debate entre o público e o privado, v. 7, n. 19, 2017, 69-91.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KRUEL, KENARD. **Torquato Neto**: muleque indigesto. Teresina: Zodíaco, 2022.

LEJANO, Raul P. **Parâmetros para análise de políticas**: a fusão de texto e contexto. Tradução de Leticia Andriani. Campinas, SP: Arte escrita, 2012.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

MARQUETTI, Fernanda (org.). **Suicídio**: escutas do silêncio. São Paulo: Unifesp, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

NASCIMENTO, Sueli do. Reflexões sobre a intersectorialidade entre as políticas públicas. **Serv. Soc. Soc.**, n. 101, p. 95-120, 2010.

NUNES, Alex Sampaio. **Ressuscito na cidade suicida**. 2. ed. Teresina/PI: Desenredos, 2020. p. 21-22.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Plano Municipal de promoção da saúde, prevenção e posvenção do suicídio**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2019.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Prefeitura de Fortaleza beneficia mais de 300 mil jovens com políticas públicas em 2021**. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-beneficia-mais-de-300-mil-jovens-com-politicas-publicas-em-2021-2>. Acesso em: 8 set. 2022.

PIRES, Paulo Roberto (org.). **Torquato Neto: Torquatália – do lado de dentro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

RODRIGUES, Lea Carvalho. **Método experiencial e avaliação em profundidade: novas perspectivas em políticas públicas**. *Desenvolvimento em Debate*, v. 4, n. 1, p. 103-115, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dd/article/view/31893> Acesso em: 7 fev. 2022.

RODRIGUES, Lea Carvalho. **Revista Avaliação de Políticas Públicas – AVAL** Ano 5 jul/dez (Org.), 10. ed. Fortaleza: MAPP/UFC, 2012. v. 1. 120p.

ROGERS, C. **Tornar-se pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SAFATLE, Vladimir. Em direção a um novo modelo de crítica: as possibilidades de recuperação contemporânea do conceito de patologia social. *In: SAFATLE, Vladimir, SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (orgs.). Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SIBÍLIA, Paula. **O show do Eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SOUZA, Maximiliano; ONETY JÚNIOR, Ricardo. Caracterização da mortalidade por suicídio entre indígenas e não indígenas em Roraima, Brasil, 2009-2013. **Epidemiol. Serv. Saúde**, 26 (4), 2017, 887-893.

SZYMANSKI, Heloísa (org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

NETO, Torquato. **Melhores Poemas Torquato Neto**. Seleção de Cláudio Portella. São Paulo: Global, 2018, p. 113.

VILARDAGA, Vicente; CAVICCHIOLI, Giorgia. Uma opressão maior que a vida. **Isto É**, 2 de maio de 2018, 44-49.

WELMA, Jéssica. **65% dos novos conselheiros tutelares de Fortaleza são filiados a partidos**; veja a lista. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/65-dos-novos-conselheiros-tutelares-de-fortaleza-sao-filiados-a-partidos-veja-a-lista-1.2159621>. Acesso em: 31 dez. 2020.

## ANEXO A – CAMPANHA SETEMBRO AMARELO 2020

Estão presentes abaixo uma amostra de 06 *posts* de um total de 30, veiculados no perfil deste pesquisador na rede social *Instagram*. Para ter acesso ao conteúdo completo, acessar o perfil [@mv.psicologia](#).



mv.psicologia [ARTES PARA UM SETEMBRO AMARELO] N•3

[...]  
 Porque cantar parece com não morrer  
 É igual a não se esquecer  
 Que a vida é que tem razão  
 [...]

Música: Enquanto engomo a calça / Ednardo e Climério



mv.psicologia [ARTES PARA UM SETEMBRO AMARELO] N•4

[...]  
 Não haveria luz  
 Se não fosse a escuridão  
 A vida é mesmo assim  
 Dia e noite, não e sim  
 [...]

MÚSICA: CERTAS COISAS / LULU SANTOS



mv.psicologia [Setembro Amarelo] N•9

Setembro Amarelo e a Valorização da Vida, de quem?

Fotografia: Lucas Silva



mv.psicologia [ARTES PARA UM SETEMBRO AMARELO] N•13

[...]

Às vezes saio a caminhar pela cidade  
 À procura de amizades  
 Vou seguindo a multidão  
 Mas eu me retraio olhando  
 Em cada rosto  
 Cada um tem seu mistério  
 Seu sofrer, sua ilusão

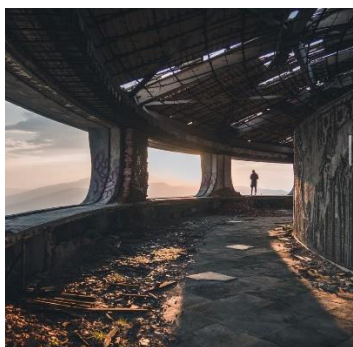
[...]

Música: Casinha Branca / Gilson e Joran



mv.psicologia [SETEMBRO AMARELO] N•14

Segundo os dados apresentados pelo Ministério da Saúde, de 2019, jovens negros entre 10 e 29 anos de idade têm maior chance de cometer suicídio no Brasil. O racismo estrutural perpetua inúmeras situações de violência, como a policial, além de negligência institucional na saúde e na assistência social, marginalizando e dificultando sua inserção na sociedade de forma mais produtiva, acadêmica, de consumo e no acesso às suas próprias emoções diante da opressão social.



mv.psicologia [ARTES PARA UM SETEMBRO AMARELO] N•17

Apesar das ruínas e da morte,  
 Onde sempre acabou cada ilusão,  
 A força dos meus sonhos é tão forte,  
 Que de tudo renasce a exaltação  
 E nunca as minhas mãos ficam vazias.

Poema: Apesar das ruínas e da morte / Sophia de Mello Breyner Andresen



## **ANEXO B – ATORES ESTRATÉGICOS**

### **INSTITUIÇÃO PRAVIDA – Programa de Apoio à Vida/UFC**

**FUNÇÕES:** Prevenção, capacitação e atendimento.

**POTENCIAIS:** Cursos p/ comunidade e atendimento 24h e 03 doutores que fazem treinamento e supervisão.

**INTERESSES:** Participar da rede com treinamento e pesquisa.

**LIMITAÇÕES:** Espaço físico e grande demanda de atendimentos.

### **INSTITUIÇÃO CVV – Centro de Valorização da Vida**

**FUNÇÕES:** Prevenção, capacitação e atendimento.

**POTENCIAIS:** Cursos para comunidade e atendimento 24h e doutores que fazem treinamento e supervisão.

**INTERESSES:** Oferecer cursos de autoconhecimento para comunidade continuar na rede.

**LIMITAÇÕES:** Ampliar serviços, atividades e divulgar 188 (24h na mídia).

### **INSTITUIÇÃO UNICHRISTUS**

**FUNÇÕES:** Universidade promotora de saúde.

**POTENCIAIS:** Projetos de extensão, formação, escola promotora de saúde e pontos de atendimento.

**INTERESSES:** Contribuir e articular ações.

**LIMITAÇÕES:** Ampliar e divulgar 188.

### **INSTITUIÇÃO SEPOG – Secretaria do Planejamento, Orçamento e Gestão**

**FUNÇÕES:** Planejamento, orçamento e gestão.

**POTENCIAIS:** Apoio técnico-político na inclusão no orçamento público e apoio ao processo de capacitação dos profissionais.

**INTERESSES:** Contribuir com o processo de gestão.

**LIMITAÇÕES:** Não informado

### **INSTITUIÇÃO CP DROGAS**

**FUNÇÕES:** Acolhimento de usuários de álcool e outras drogas e seus familiares.

**POTENCIAIS:** Escuta qualificada e articulação e direcionamento para rede de cuidados.

**INTERESSES:** Garantir cuidado na rede e acompanhamento.

**LIMITAÇÕES:** Recursos humanos insuficientes e espaço físico.

### **INSTITUIÇÃO SECRETARIA MUNICIPAL DA SEGURANÇA CIDADÃ – SESEC**

**FUNÇÕES:** Proteção e prevenção.

**POTENCIAIS:** Base territorial/amplo efetivo.

**INTERESSES:** Redução de morte nos territórios.

**LIMITAÇÕES:** Diretriz Capacitação.

### **INSTITUIÇÃO CUCA – Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte**

**FUNÇÕES:** Capacitar os profissionais, educadores e professores da rede CUCA; garantir o acesso aos jovens à instituição.

POTENCIAIS: 5 mil vagas semanais em diversas áreas (esporte, tecnologia, artes etc.); 3 equipamentos instalados nas Regionais I, IV, V.

INTERESSES: Equipe psicossocial e Saúde.

LIMITAÇÕES: Não realiza atendimento de psicologia clínica e reduzida equipe de psicologia.

#### **INSTITUIÇÃO Exército Brasileiro**

FUNÇÕES: Preservar, garantir e zelar pelo cumprimento pleno do plano e pela manutenção da lei da ordem.

POTENCIAIS: Programa de Valorização da Vida (PVV), articulação com as forças de segurança e experiência em missões especiais.

INTERESSES: Estourar a bolha das forças de segurança e desmitificar a visão do meio civil em relação as forças de segurança.

LIMITAÇÕES: Equipe limitada. Pouca sensibilização dos comandantes acerca do tema; articulação e continuidade das ações.

#### **INSTITUIÇÃO SDHDS – Secretaria Municipal dos Direitos Humanos e Desenvolvimento Social**

FUNÇÕES: Identificar as atribuições do plano, fortalecer a rede territorial e capacitar os profissionais/lideranças.

POTENCIAIS: Equipamento em todas as Regionais, equipe multidisciplinar e possibilidade de fortalecimento da rede.

INTERESSES: Identificar casos potenciais; referenciar casos e fortalecer o Projeto Re-existir.

LIMITAÇÕES: Profissionais capacitados, trabalho em rede e sensibilização do familiar no território.

#### **INSTITUIÇÃO FUNCÍ – Gabinete da Primeira Dama**

FUNÇÕES: Articulação Intersetorial.

POTENCIAIS: Promoção e fortalecimento do Programa Primeira Infância.

INTERESSES: Fortalecer e ampliar a rede de profissionais para o atendimento psicossocial.

## ANEXO C – MATRIZ DO PLANO OPERACIONAL – EIXO 2

MATRIZ DO PLANO OPERACIONAL													
EIXO DE ARTICULAÇÃO 2: Comunicação e Mobilização Social													
RESULTADO ESTRATÉGICO 3: População informada e sensibilizada sobre a temática													
AÇÃO /ATIVIDADES	PRODUTO	UNID.	METAS		RESPONSÁVEL	PARCEIROS	CRONOGRAMA 2019				CRONOGRAMA 2020		
			2019	2020			SET	OUT	NOV	DEZ	I	II	III
3.1 Realizar campanhas de valorização da Cultura de Paz (família e comunidade).	Campanhas realizadas	Unid.	1	2	SMS e SME	ONG's				X		X	X
3.2 Realizar campanhas de sensibilização, com foco nos serviços, na família e comunidade (Setembro Amarelo).	Campanhas realizadas	Unid.	1	1	SMS E ASCOM	Ministério Público, Universidades, ONG's	X						X
3.3 Criar campanhas publicitárias (vídeos, posts) para serem compartilhadas em redes sociais, gerando reflexão e engajamento (Ação Articulada com o Ministério Público).	Campanhas realizadas	Unid.	1	2	SMS e ASCOM	Ministério Público			X		X		X
3.4 Promover, exposições dialogadas, rodas de conversa, seminários e fóruns, para estimular o envolvimento da sociedade na prevenção do suicídio (autoestima, valorização da vida, luto etc), descentralizando os processos de trabalho nos territórios.	Palestras realizadas	Unid.	2	8	SMS e SME	ONGs, Bombeiros, SAMU		X	X		X	X	X
3.5 Executar ações de educação em saúde em todos os territórios.	Ações executadas	%	20	100	SMS	ONG's			X	X	X	X	X
3.6 Ampliar e fortalecer as linhas de comunicação com foco no combate ao suicídio (188).	188 ampliado e 0800 implantado	%	20	20	CVV	SMS			X	X			X

Fonte: Plano Municipal de Prevenção e Posvenção do Suicídio de Fortaleza.

**ANEXO D – MUNICÍPIOS QUE ELABORARAM SEUS PLANOS MUNICIPAIS DE  
PREVENÇÃO AO SUICÍDIO**

<b>Acaraú</b>	<b>Guaiuba</b>
<b>Acopiara</b>	<b>Hidrolândia</b>
<b>Alcântaras</b>	<b>Iguatu</b>
<b>Apuiarés</b>	<b>Itaíçaba</b>
<b>Aquiraz</b>	<b>Itapiúna</b>
<b>Aracati</b>	<b>Jaguaribe</b>
<b>Arneiroz</b>	<b>Jardim</b>
<b>Assaré</b>	<b>Juazeiro do Norte</b>
<b>Barbalha</b>	<b>Limoeiro do Norte</b>
<b>Barreira</b>	<b>Maracanaú</b>
<b>Barro</b>	<b>Nova Russas</b>
<b>Camocim</b>	<b>Palmácia</b>
<b>Canindé</b>	<b>Pindoretama</b>
<b>Carnaubal</b>	<b>Piquet Carneiro</b>
<b>Cascavel</b>	<b>Porteiras</b>
<b>Caucáia</b>	<b>Quixadá</b>
<b>Choró</b>	<b>Quixeré</b>
<b>Crateús</b>	<b>Quixeramobim</b>
<b>Crato</b>	<b>Russas</b>
<b>Cruz</b>	<b>Santa Quitéria</b>
<b>Deputado Irapuã Pinheiro</b>	<b>Santana do Acaraú</b>
<b>Eusébio</b>	<b>Senador Pompeu</b>
<b>Fortaleza</b>	<b>Sobral</b>
<b>Frecheirinha</b>	<b>Várzea Alegre</b>
<b>Fortim</b>	
<b>General Sampaio</b>	